



# A GRANDE BATALHA ESPIRITUAL

VERDADES E MENTIRAS SOBRE A LUTA DA LUZ  
CONTRA AS TREVAS EM PLENO SÉCULO 21





# OS AUTORES

PR. ADRIANO CONCEIÇÃO DA SILVA  
PASTOR DA IGREJA CRISTÃ NOVA VIDA EM  
CHATUBA, MESQUITA (RJ)

PR. LUIZ FERNANDO MARTINS  
PASTOR NA IGREJA CRISTÃ NOVA VIDA EM  
PIAM, BELFORD ROXO (RJ)

PR. MARCO ANTONIO DE ARAUJO  
PASTOR DA IGREJA CRISTÃ NOVA VIDA DE  
COPACABANA, NO RIO DE JANEIRO (RJ)

PR. OSVALDO CHAVES  
PASTOR DA IGREJA CRISTÃ NOVA VIDA EM  
CABO FRIO, CABO FRIO (RJ)

PR. SILAS BATISTA DE MENEZES  
PASTOR NA IGREJA CRISTÃ NOVA VIDA EM  
CAMPINA GRANDE, CAMPINA GRANDE (PB)



A  
GRANDE  
BATALHA  
ESPIRITUAL

# A GRANDE BATALHA ESPIRITUAL

VERDADES E MENTIRAS SOBRE A LUTA DA LUZ  
CONTRA AS TREVAS EM PLENO SÉCULO 21

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	06
CAPÍTULO 1	
VERDADES E MENTIRAS SOBRE BATALHA ESPIRITUAL.....	11
CAPÍTULO 2	
O CAMPO DE BATALHA .....	30
CAPÍTULO 3	
A ARMA PRINCIPAL DA BATALHA.....	50
CAPÍTULO 4	
AS ARMAS AUXILIARES DA BATALHA.....	65
CAPÍTULO 5	
O DEUS DA BATALHA.....	79
CONCLUSÃO .....	99

# INTRODUÇÃO

Na Idade Média, quando se falava em “batalha espiritual”, a imagem imediata que vinha à mente da população da época eram as pinturas em que demônios vinham retratados com chifres, tridentes, dentes pontiagudos, pele vermelha e rabo, lutando fisicamente contra anjos loiros com asas enormes e uma espécie de armadura peitoral. Certamente de espada na mão. Por incrível que pareça, os séculos se passaram mas, em nossos dias, essa imagem ainda é bem atual para muitos, embora com o acréscimo de elementos novos.

Ao se falar no século 21 sobre “batalha espiritual”, muitos cristãos vão pensar imediatamente em cenas que viram em programas de TV nas quais pastores agarram homens e mulheres supostamente possuídos por espíritos malignos e realizam shows de exorcismo, com direito a longas entrevistas com os demônios e embates do tipo “sai-não saio”. Ou, ainda, em grupos que realizam seminários e vendem livros e DVDs ensinando a renunciar pecados passados e pactos de antepassados, mapear as áreas de atuação das hostes infernais nas cidades, descobrir nomes e hierarquias demoníacas, quebrar maldições e coisas similares. Tudo com base em experiências de pessoas que dizem ter vindo do satanismo, de um ou outro que tiveram “revelações de Deus” ou de supostos espíritos das trevas manifestados em algum exorcismo.

A doutrina de guerra espiritual se propaga fortemente, amparada pelos exorcismos relatados na Bíblia e levados a cabo por Jesus e seus discípulos. Mas o trecho de ouro das Escrituras quando se fala do assunto é mesmo a passagem de Efésios 6.12:

*Pois a nossa luta não é contra seres humanos mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais.*

Essas poucas palavras do apóstolo Paulo já deram base para justificar relatos espetaculares, de pessoas que teriam tido revelações divinas do Inferno, que teriam se casado com o próprio Satanás, que supostamente foram treinadas para assessorar e preparar a vinda do anticristo ou coisas similares. Visões e testemunhos de lutas esgrimistas entre ajudantes espirituais de Deus e asseclas do Diabo tornaram-se lugar-comum.

O escritor canadense Frank Peretti fez escola ao escrever o clássico *Este mundo tenebroso*, livro de 1988 que relata a vida de uma cidade no plano físico em paralelo ao que ocorre na dimensão espiritual. Apesar de ser uma ficção explícita, a obra de Peretti – que, junto com sua sequência, *Este mundo tenebroso 2*, vendeu mais de 3,5 milhões de cópias – criou no imaginário popular uma ideia muito semelhante aos relatos das lutas descritas em livros canônicos, como o de Daniel e a epístola de Judas. A questão é que legiões de leitores viram no romance um retrato fiel de como se processa a relação entre homens na terra e anjos/demônios nos ares. A partir daí, nas últimas décadas começou-se a sistematizar todo um ensino paralelo às Escrituras Sagradas, de “libertação”, “batalha espiritual”, “quebra de maldição” e similares.

Expressões como “dar legalidade”, “renunciar pactos” e “maldição hereditária” ingressaram no vocabulário cotidiano de montes de cristãos, para os quais há um grande cabo-de-guerra espiritual ocorrendo 24 horas por dia entre Deus e Satanás. O prêmio do vencedor seriam almas humanas.

Essa visão, porém, criou um problema bíblico. Pois ela põe o Criador no mesmo nível da criatura que se rebelou. E o Onipotente passou a ser visto como um lutador num ringue em igualdade de condições com um ser tão poderoso como Ele – quando, na verdade, o Maligno é absolutamente inferior em poder e autoridade. Satanás, que não é onipresente, passou a ser combatido em milhares de lugares ao mesmo tempo, como se tivesse as mesmas capacidades e atributos iguais aos do Senhor dos Senhores. Um erro bíblico crasso, visto que o Inimigo não pode fazer absolutamente nada sem a permissão de Deus (como deixa claro o livro de Jó), teve de obedecer à ordem de expulsão da morada do Altíssimo como punição por

sua rebelião e já tem seu veredito final decretado: o nada agradável lago de fogo e enxofre. Ou seja: o Senhor manda, Satanás obedece. O Senhor tudo pode, Satanás só pode o que Deus permite. O Senhor é eterno, Satanás não. O Senhor é para sempre soberano, Satanás detém um poder concedido e temporário. O Senhor é elevado, Satanás foi rebaixado. Não há nem de longe paridade entre os dois. Não há nível de igualdade.

Além disso, devido a uma má interpretação do versículo de 1 João 5.19 (“Sabemos que somos de Deus, e que o mundo inteiro jaz no Maligno”) muitos acreditam que o planeta Terra foi entregue ao poder total do Diabo e que Jeová assiste passivamente a sua destruição. Mas se esquecem de aplicar regras simples da hermenêutica bíblica, que nos ensinam como compreender bem o texto das Escrituras, como olhar outras passagens correlatas. A soberania absoluta do Senhor sobre a Terra fica clara em diversos trechos, como Deuteronômio 10.14 (“Ao Senhor, o seu Deus, pertencem os céus e até os mais altos céus, a terra e tudo o que nela existe”), 1 Crônicas 29.11 (“Teus, ó Senhor, são a grandeza, o poder, a glória, a majestade e o esplendor, pois tudo o que há nos céus e na terra é teu. Teu, ó Senhor, é o reino; tu estás acima de tudo”), Atos 17.24a (“O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da terra”), Salmos 135.6 (“O Senhor faz tudo o que lhe agrada, nos céus e na terra, nos mares e em todas as suas profundezas.”), Neemias 9.6 (“Só tu és o Senhor. Fizeste os céus, e os mais altos céus, e tudo o que neles há, a terra e tudo o que nela existe, os mares e tudo o que neles existe. Tu deste vida a todos os seres, e os exércitos dos céus te adoram”).

No entanto, grupos especializados em “batalha espiritual” adotaram a linha da briga entre iguais, atraindo milhares de interessados a seus congressos com lemas por meio dos quais associam “um tempo de grandes batalhas” com “um tempo de grandes vitórias”.<sup>1</sup> Dizem que nosso país fez um pacto com a morte e ameaçam com a possibilidade de o Brasil enfrentar “um jogo de morte e violência nunca dantes

.....  
<sup>1</sup> Saiba mais em ZÁGARI, Maurício, *A Verdadeira Vitória do Cristão*. Rio de Janeiro: Anno Domini, 2012.



visto”. Em suas malas diretas nos assustam ao afirmar que o governo do anticristo está se estabelecendo cada dia mais. Mas apontam soluções como declarar vitória sobre todos os inimigos. Um desses grupos termina um de seus folders de divulgação convidando o receptor a estar em um de seus congressos de batalha espiritual “para buscar o Senhor, receber revestimento do alto e a estratégia de Deus para concretizar a vitória prometida e um Avivamento nunca visto antes na Terra”. O que nos deixa a pergunta: como um grupo desses descobriu a estratégia do Todo-Poderoso e como pode afirmar que haverá um avivamento se todo avivamento é um mover inesperado que só depende da vontade soberana do Avivador?

A despeito das incongruências, seguidores desse tipo de pensamento influenciaram suas igrejas e seus líderes (muitos dos adeptos na verdade são os próprios líderes, como fica claro pelas logomarcas oficiais de certas denominações que podem ser vistas estampadas nas malas diretas desses grupos).

Por causa desse fenômeno, em muitas denominações – especialmente pentecostais e neopentecostais – Cristo deixou de ser o centro do culto e foi relegado a um posto secundário, de tanto que se fala e se investe tempo em guerrear demônios e em se falar sobre Satanás. Removeram Cristo dos púlpitos e em seu lugar entronizaram as hostes espirituais da maldade. Nomes de espíritos malignos começaram a surgir e a ser mais mencionados do que o de Jesus – que, aliás, tornou-se para muitos meramente uma espécie de *abracadabra*, usado para expulsar os inconvenientes invasores. Igrejas inteiras começaram a repetir que “o sangue de Jesus tem poder” e a “reprender em nome de Jesus” sem ter um ensinamento sólido que lhes explicasse o que exatamente significa isso.

Fato é que hoje se estabeleceu entre nós, cristãos, em especial evangélicos, uma doutrina de batalha espiritual que dispõe de toda uma base e uma metodologia estranhas à Bíblia e alicerçadas em experiências de um indivíduo ou outro. Em mãos erradas, esses ensinamentos apócrifos podem causar enormes estragos. Aliás, não só

podem como já causaram e ainda causam, pois distorcem o Evangelho e criam na mente de muitos uma mística que não traz benefícios, tira o foco de Jesus e o direciona para seres do mal. Com isso, firma-se no imaginário de muitos evangélicos um endeusamento de demônios, atribuindo-se a esses um poder que vai além do que eles detêm.

E com isso o Evangelho libertador deixa de ser proclamado em nome do combate aos inimigos do Evangelho. Em vez de se acender a luz para espantar as trevas, glorifica-se o combate às trevas e a luz perde seu espaço.

A Bíblia é clara: há anjos e demônios. Há um enfrentamento. Há uma batalha espiritual em andamento no mundo. Isso é inegável. A questão é saber exatamente como se processa tudo isso. Será que a imagem medieval da luta de espadachins espirituais é de fato o que ocorre? Será que os exorcismos exibidos à exaustão na TV, com entrevistas intermináveis com criaturas das trevas, são mesmo o padrão canônico para levar a cabo essa batalha? Será que toda a doutrina que foi formulada pelos “ministérios” especializados no nicho da guerra espiritual é fruto realmente de ensinamentos verdadeiros ou é oriunda do Pai da Mentira e seus liderados?

Em resumo: biblicamente qual é, como ocorre e como devemos nos portar ante a grande batalha espiritual? É o que os cinco ministros do Evangelho que escreveram este livro buscam responder ao longo das próximas páginas.

Que o Deus Todo-Poderoso abençoe a sua leitura e que sua mente seja iluminada pela Palavra da verdade contida na sã doutrina bíblica, para entender as verdades e as mentiras que se propagam sobre batalha espiritual, onde ela de fato ocorre, que armas temos nessa luta e a que (ou quem) devemos direcionar nossos olhos no momento em que vivemos nossa fé.

*O editor*

## CAPÍTULO 1

# VERDADES E MENTIRAS SOBRE BATALHA ESPIRITUAL

PR. MARCO ANTONIO DE ARAUJO

*Eles atravessaram o mar e foram para a região dos gerasenos. Quando Jesus desembarcou, um homem com um espírito imundo veio dos sepulcros ao seu encontro. Esse homem vivia nos sepulcros, e ninguém conseguia prendê-lo, nem mesmo com correntes; pois muitas vezes lhe haviam sido acorrentados pés e mãos, mas ele arreventara as correntes e quebrara os ferros de seus pés. Ninguém era suficientemente forte para dominá-lo. Noite e dia ele andava gritando e cortando-se com pedras entre os sepulcros e nas colinas.*

*Quando ele viu Jesus de longe, correu e prostrou-se diante dele, e gritou em alta voz: “Que queres comigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Rogo-te por Deus que não me atormentes!” Pois Jesus*

*lhe tinha dito: “Saia deste homem, espírito imundo!” Então Jesus lhe perguntou: “Qual é o seu nome?”*

*“Meu nome é Legião”, respondeu ele, “porque somos muitos.” E implorava a Jesus, com insistência, que não os mandasse sair daquela região. Uma grande manada de porcos estava pastando numa colina próxima. Os demônios imploraram a Jesus: “Manda-nos para os porcos, para que entremos neles”. Ele lhes deu permissão, e os espíritos imundos saíram e entraram nos porcos. A manada de cerca de dois mil porcos atirou-se precipício abaixo, em direção ao mar, e nele se afogou. Os que cuidavam dos porcos fugiram e contaram esses fatos na cidade e nos campos, e o povo foi ver o que havia acontecido.*

Marcos 5.1-14

Quando estamos diante do assunto “batalha espiritual”, devemos considerar que o maior milagre de Jesus Cristo é a salvação do pecador – que, após encontrar-se com Ele, nasce de novo, é transformado e recebe uma nova vida. Neste capítulo, abordaremos a ação do Maligno por meio da atuação dos demônios, bem como a doutrina sobre a libertação desses espíritos imundos, o que há de verdades bíblicas sobre o assunto e muitos dos absurdos que vêm sendo praticados, em nome dessa guerra, em alguns setores da Igreja brasileira.

Esta reflexão não tem o objetivo de ofender, entristecer ou até mesmo alarmar quem quer que seja. Porém, trataremos de um assunto que tem pouca referência bíblica, em virtude da pequena importância que as próprias Escrituras dão ao tema. Acredite, você que dedica muito tempo do seu ministério a isso: essa não é a ênfase central da Palavra de Deus. Curiosa-

mente, no entanto, muitas pessoas fazem teologias imensas sobre o assunto, enquanto a própria Bíblia Sagrada apenas pontua algumas questões.

Portanto, abordaremos este tema com o firme propósito de esclarecer os irmãos e as irmãs na fé, visto que há muitas doutrinas erradas sendo divulgadas por aí. Diversas pessoas são influenciadas de maneira equivocada e aplicam determinados ensinamentos sem uma observação bíblica do assunto. Este é um erro muito comum: repetir o que outra pessoa fala ou faz sem analisar o tema na verdadeira fonte de autoridade que é a Palavra de Deus. Como cristãos, precisamos ter o hábito de examinar tudo à luz das Sagradas Escrituras.

Se depositarmos a nossa confiança em pessoas, por mais influentes ou inteligentes que sejam, cometeremos o erro de conferir autoridade a alguém que é falho, pois o ser humano é imperfeito. Toda autoridade espiritual que um indivíduo tenha deve vir, exclusivamente, da Bíblia Sagrada, não das próprias experiências. Essas servem para endossar o argumento bíblico, ou seja, devem ser usadas como ilustração, sempre centradas na Palavra. A pregação do Evangelho deve ser fundamentalmente bíblica e não extraída de passagens pinçadas aleatoriamente. E a justificativa está no fato de que alguns trechos da Bíblia, por serem empregados de modo superficial e isolado, acabam servindo de base para os mais variados tipos de heresia.

## DISTORÇÕES BÍBLICAS

Allan Kardec (pseudônimo do francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, o mentor do espiritismo denominado “kardecista”, em sua homenagem) fez uso de vários trechos dos evangelhos para fundamentar doutrinas sem nenhuma

ligação com o que as Escrituras realmente dizem. Um exemplo é a passagem de João 14.2, em que Jesus declara: “Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar” (ARA). Os espíritas utilizam esse versículo para justificar a possibilidade de inúmeras encarnações. Na verdade, o que Jesus disse é que na casa do Pai há lugar para muitas pessoas, para todos os que venham a crer no Cordeiro de Deus como Senhor e Salvador. Cristo fez a promessa de que iria preparar uma casa para cada um de nós, sendo-lhe necessário partir para completar a obra do Senhor, que nos aguarda na eternidade. Entretanto, tirada do seu contexto e aliada a falsos argumentos, essa passagem torna-se uma heresia.

Outro exemplo são as Testemunhas de Jeová, que acrescentam ao versículo de João 1.1 uma pequena palavra que muda bastante o sentido do texto. Observe: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era um Deus”. Com a inclusão do termo “um”, a divindade de Jesus Cristo é negada. É uma pequena mudança que, vinculada a afirmativas enganosas, faz parecer verdade o que, na realidade, é mentira.

Precisamos entender que o que realmente importa não é considerar quem está transmitindo a mensagem, mas se o que está sendo dito de fato está escrito na Palavra de Deus. O expositor da Palavra pode ser respeitado como uma das maiores autoridades do mundo, porém, se o que estiver pregando não for bíblico, de nada vale. Não se deixe impressionar por aqueles que se expressam muito bem, que têm belos discursos ou são famosos. Se Jesus tivesse buscado sucesso pessoal, não teria nascido em Belém, mas em Roma, que era a grande cidade da sua época. O poder de Deus não precisa de publicidade, mas deve ser pregado por seus filhos conforme a soberania do Senhor. Dessa forma, é necessário estudarmos a Palavra e o pano de fundo histórico de toda essa situação.

## SAÍRAM DE NÓS MAS NÃO ERAM DE NÓS

Grande parte das práticas de libertação utilizadas hoje em dia é condenável e sem embasamento bíblico. No Brasil, elas surgiram no final da década de 1970 e início de 1980, por intermédio de homens que se converteram na Igreja Pentecostal de Nova Vida, atual Igreja Cristã Nova Vida (ICNV). Dois deles se tornaram muito famosos e são conhecidos em todo o território nacional em virtude dos seus programas de televisão.<sup>2</sup>

Em um determinado evento a que compareci ouvi a conversa de algumas pessoas, na qual uma delas afirmava que esses dois homens foram discípulos do Bispo Roberto McAlister, fundador da Igreja Cristã Nova Vida. Quase me pronunciei, pois esses dois indivíduos, na verdade, foram afastados da ICNV por defenderem ideias e doutrinas não abraçadas por nossa igreja. Na época, eles pediram ao Bispo Roberto autorização para iniciar um trabalho de libertação – nos moldes que realizam hoje – a qual lhes foi negada. Por causa disso, se rebelaram, saíram da Nova Vida e fundaram uma igreja. Algum tempo depois, eles se desentenderam e um deles fundou a própria denominação.

Não cabe aqui nenhum tipo de comentário positivo ou negativo sobre o fato. Eles procederam conforme aquilo em que acreditavam. Todavia, essa fé nunca foi corroborada pelo fundador da Igreja Cristã Nova Vida. Pelo contrário, desde o início a realização de práticas sem base bíblica foi combatida e rejeitada nas igrejas da nossa denominação.

.....

## O MOVIMENTO DE GUERRA ESPIRITUAL

Outra questão que rende muita discussão a respeito dessas “teologias sobre demônios” (por mais paradoxal que seja essa expressão) é o movimento de guerra espiritual que surgiu na América do Norte por volta da década de 1980. Esse movimento chegou ao Brasil quase na mesma época e foi abraçado por alguns que promoveram uma série de preceitos e ensinamentos que não procedem da Bíblia Sagrada.

A escritora Rebecca Brown (pseudônimo da ex-médica Ruth Irene Bailey, que teve sua licença médica cassada por imperícia e medicação imprópria a seus pacientes) escreveu um livro sobre a hierarquia demoníaca. Ela relatou ter tido uma experiência espiritual, em que foi ao inferno e fez uma entrevista com Satanás. Durante o tal encontro, o Diabo lhe teria revelado, sem o menor problema, toda a hierarquia infernal. O feito seria o mesmo que perguntar a Osama Bin Laden quais seriam os próximos ataques da Al-Qaeda. Você acredita que ele divulgaria tais informações? Agora, imagine Satanás, o pai da mentira, tornando conhecida toda a sua estratégia! Amado leitor, o Diabo não tem nada a nos ensinar.

As Escrituras nos previnem de que nos últimos tempos pessoas obedeceriam a ensinamentos de demônios: “O Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns abandonarão a fé e seguirão espíritos enganadores e doutrinas de demônios” (1 Timóteo 4.1). *Apostasia* significa “abandonar a fé”. No caso das pessoas que pregam tal teologia, como citamos acima, a consequência é a mesma. A Bíblia reprovava esse tipo de ensinamento, porque o Diabo é o pai da mentira.<sup>3</sup>

.....  
3 João 8.44.



## SATANÁS É UM ATOR COADJUVANTE

A Palavra de Deus é o nosso único referencial. Não podemos nos pautar em experiências humanas, muito menos em orientações demoníacas, porque, no que diz respeito às coisas espirituais, a autoridade máxima é a Palavra do Senhor:

*Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra.*

2 Timóteo 3.16,17

Para estarmos aptos a fazer “toda boa obra”, é necessário o ensino, a instrução e a correção da Palavra. Deus recomendou a Josué que zelasse por viver totalmente de acordo com o Livro da Lei, sem nenhum desvio para a direita ou para a esquerda, a fim de que fosse bem-sucedido.

*Somente seja forte e muito corajoso! Tenha o cuidado de obedecer a toda a lei que o meu servo Moisés lhe ordenou; não se desvie dela, nem para a direita nem para a esquerda, para que você seja bem-sucedido por onde quer que andar. Não deixe de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas de dia e de noite, para que você cumpra fielmente tudo o que nele está escrito. Só então os seus caminhos prosperarão e você será bem-sucedido.*

Josué 1.7,8

A Bíblia não oferece muitas informações sobre o Diabo, apenas o suficiente para compreendermos a sua atuação. É até explicável, já que o tema das Escrituras é a história da redenção do ser humano que caiu, por meio de Adão. Satanás é um ator coadjuvante: o enganador, o trapaceiro, o que instigou Eva a pecar. A causa da queda do homem foi a desobediência, cujos atores principais foram o casal Adão e Eva.<sup>4</sup> Eles podiam simplesmente ter repreendido a serpente e obedecido ao Senhor. Por isso, podemos tirar a seguinte conclusão: o pior inimigo do homem é o próprio homem. Os únicos que podem destruir a nossa vida espiritual somos nós mesmos. Quem não tem amor o bastante para obedecer a Deus cai nas ideias e ciladas do Diabo.

A ênfase da Palavra está no relacionamento do homem com o Criador, no relacionamento de fé e obediência. Quando destacamos demasiadamente o Inimigo, estamos endeusando-o, conferindo-lhe um valor que ele não tem nem merece. Isso o faz parecer poderoso e determinante, algo que ele também não é, pois é mentiroso e enganador. Determinante é alguém que define algo e faz com que as coisas aconteçam. Quem faz isso é Deus. De certo modo, também temos essa atitude quando somos desobedientes e praticamos ações erradas, pecando e prescrevendo assim a nossa própria queda.

## O QUE REALMENTE IMPORTA

A Bíblia ensina na medida certa o que precisamos saber sobre o Adversário. Então, deixemos de lado as especulações, que só geram mistificações inúteis, como interrogatórios a demônios e outras ações do tipo. Isso

.....  
<sup>4</sup> Gênesis 3.

desvia o nosso foco daquilo que de fato importa, que é a nossa relação com o Pai mediante a Palavra da Verdade.

Deus é o Criador de todas as coisas e de todos os seres. É o Único que detém o poder de criação. Uma das leis científicas existentes afirma: “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.<sup>5</sup> Realmente, depois que Deus criou não existe mais criação, apenas transformação, elaboração ou combinação dos elementos já formados. A Bíblia afirma no livro de Gênesis 1.31a: “E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom”. É provável que você então se pergunte: “Se tudo o que o Pai fez era bom, quem criou Satanás?”. A resposta é fácil: Deus o criou. Mas é necessário observar que o Senhor o criou como um ser bom, para servir diante dele, o Criador. O esclarecimento a ser feito aqui é que o Altíssimo criou o anjo que viria a ser quem conhecemos como Satanás para boas obras, mas ele possuía livre-arbítrio e escolheu tornar-se maligno.

Deus é criador, o Diabo não. Logo, para fazer suas obras malignas, ele utiliza o que o Criador já fez, pervertendo o seu sentido pelo engano do pecado. Quando o Senhor criou o Jardim do Éden, confiou o governo desse local ao homem. Alguns dizem que o homem, na sua desobediência, entregou esse governo a Satanás. Na verdade, o governo foi tomado. O Diabo fez uso dos elementos da Criação para influenciar o homem, a quem Deus tinha dado autoridade sobre a natureza. Dessa forma, o Inimigo das nossas almas opera sobre a Terra por intermédio das pessoas que, pelo pecado e o afastamento do Senhor, se deixam usar por ele.

.....  
5 Frase atribuída ao químico francês Antoine Laurent Lavoisier (1743–1794), considerado o pai da química moderna.

Se o homem tivesse permanecido em obediência, ainda estaríamos num local com as características do Éden, fazendo uso da natureza de maneira sábia. No entanto, quem destrói a Criação é o próprio ser humano, inspirado na sua corrupção pelo Maligno. O Diabo não tem poderes de, por exemplo, causar uma tempestade. Tal poder pertence a Deus. Porém, ele pode possuir uma pessoa e levá-la a cometer barbaridades ou pode enganar nações com falsas doutrinas. O poder do Inimigo é o do engano, utilizando os elementos da Criação.

Após criar o mundo, o Altíssimo deu autoridade ao homem para governá-lo. O Diabo consegue agir neste mundo por meio do ser humano, pois como o Maligno não é deste mundo e não pode agir aqui, o faz por intermédio de alguém. E, justamente por causa disso, a Bíblia nos orienta a não dar espaço para o mal.

## MENTIRAS E VERDADES

O texto-base deste capítulo, Marcos 5.1-14, que fala sobre o jovem endemoninhado, é usado para justificar uma série de erros sobre o assunto. Em todas as outras ocasiões em que Jesus e os discípulos expulsaram demônios, eles apenas disseram: “Em nome de Jesus, sai!”, ou utilizaram uma frase simples. Ninguém fez entrevista com o Diabo ou perguntou o nome dele. O registro bíblico mostra apenas essa situação no Evangelho de Marcos. Com base nesse texto, alguns afirmam que perguntar o nome do demônio dá autoridade sobre o espírito maligno. No entanto, essa era uma crença egípcia. Tanto que cada faraó, ao assumir o reino, se não gostasse do seu antecessor, apagava o seu nome para eliminar a sua autoridade e a sua influência.

A questão de saber ou não o nome dos demônios ou a sua origem é totalmente desnecessária. A Bíblia Sagrada nos orienta a nem sequer pronunciar o nome deles: “Não invoquem os nomes dos seus deuses” (Josué 23.7b). O texto se refere aos falsos deuses. E alguns dos espíritos imundos ocupam essa posição. Não dizer o nome é para não dar popularidade a eles. Ou seja, no momento da libertação não é necessário dizer o nome de demônio nenhum, basta repreendê-lo no nome santo e poderoso de Jesus Cristo.

O que deve ser feito é apenas identificar o motivo da possessão, como, por exemplo, espírito de prostituição ou espírito de mentira. Não existe nenhuma informação do Diabo que nos seja útil. O que ele diz não traz entendimento, pelo contrário, só confunde. O objetivo de Satanás pode ser expresso com a frase: “Falem mal ou falem bem, mas falem de mim!”. Então não dê notoriedade ao Inimigo ou faça qualquer divulgação dele.

Quando Jesus chegou à província dos gerasenos, veio ao seu encontro um homem terrivelmente endemoninhado. Observe as características do rapaz: não morava em uma casa, vivia ao relento ou dentro de covas; andava sem roupas, gritando maldições e aberrações; feria-se com pedras e todo tipo de objeto; era totalmente antissocial, transtornado pela ação maligna que sobre ele estava. O primeiro fato espiritual aconteceu quando esse homem correu em direção a Jesus: “Que queres comigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Rogo-te por Deus que não me atormentes!”.<sup>6</sup> Em outras palavras, os demônios estavam dizendo: “Não temos nada com você! Não nos atormente!”. O Diabo tem noção

.....  
6 Marcos 5.7.

do plano do Senhor já revelado. O plano divino inclui o fato de que Satanás será lançado no lago de fogo e enxofre no Juízo Final.<sup>7</sup> Todos os seguidores, obreiros e demônios de Satanás serão lançados no Inferno. Por isso, o clamor daqueles demônios era no sentido de que Jesus não os castigasse antes do Juízo Final.

Outro ponto dessa passagem é que, após o clamor dos demônios, o Senhor Jesus os repreendeu: “Saia deste homem, espírito imundo!”.<sup>8</sup> Em seguida, Jesus pergunta – e é nisso que muitos se baseiam: “Qual é o seu nome?”. “Meu nome é Legião”, respondeu ele, “porque somos muitos.”.<sup>9</sup> O nome do demônio não era legião, mas se referia à quantidade deles.

Por volta de 50 a.C., no tempo do imperador Júlio César, uma legião romana era composta de três mil homens. Porém, ao longo da história, a legião que fazia parte do exército de Roma oscilou entre dois mil e oito mil homens. O que Jesus estava fazendo era mostrar às pessoas quanto alguém podia ficar endemoninhado. No entanto, é preciso ter em mente que as informações do Diabo nunca são confiáveis.

“E implorava a Jesus, com insistência, que não os mandasse sair daquela região.” (Marcos 5.10). Esse foi o pedido que os demônios fizeram a Jesus. O Diabo não é onipresente, ou seja, não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Quando alguém está endemoninhado, o espírito imundo não pode estar em outro lugar ao mesmo tempo. Só quem é onipresente é Deus. No tempo de Jesus, havia um conceito da existência de espíritos

.....  
7 Apocalipse 20.10-14.

8 Marcos 5.8.

9 Marcos 5.9.

territoriais que dominavam regiões. Mas só Deus é dono e Senhor de toda a Terra. A Bíblia mostra que Israel, ao sair do Egito, tomou os territórios ao longo do caminho, e os povos foram derrotados e seus deuses destronados. Os povos testemunharam reconhecendo que Jeová era o dono de toda a Terra. O ato de lançar para fora da terra significava tomar o território, deixando uma parte do mundo livre de demônios.

“Os demônios imploraram a Jesus: “Manda-nos para os porcos, para que entremos neles” (Marcos 5.12). Alguns podem pensar: “Ah, Pastor, *tadinhos* dos porcos!”. Porém, se observarmos o contexto histórico, veremos que esse fato aconteceu numa cidade em Israel, onde a maioria dos moradores era de estrangeiros que criavam manadas de suínos. E criação de porcos é uma abominação para os judeus, que consideram o animal imundo.

Jesus, então, permitiu que os espíritos malignos entrassem naqueles animais. Em nenhum momento, o Mestre aceitou a resposta dos demônios, mas ordenou que eles entrassem nos suínos. O Senhor validou o fato de que o rapaz estava horrivelmente endemoninhado não pela palavra do Diabo, mas pela entrada dos espíritos naqueles animais. Os demônios não são onipresentes, por isso não é possível um mesmo demônio entrar em dez porcos ao mesmo tempo, mas muitos espíritos malignos podem entrar em um mesmo ser.

Esse é o único caso bíblico em que o Mestre pergunta algo do tipo. Ele fez isso para mostrar quanto alguém pode ficar endemoninhado. Mas essa não é uma regra bíblica, até porque o Diabo nem mesmo confessou um nome, apenas algo relativo ao número. No entanto, muitos utilizam essa passagem para afirmar o conceito de que é preciso perguntar o nome do espírito maligno, e que desse modo se

ganha autoridade sobre ele. Mas onde está escrita tal afirmação? Talvez esteja escrito em algum papiro egípcio com mais de quatro mil anos, mas não na Bíblia! Tenha sempre em mente: nossa autoridade está no nome do Senhor Jesus.

## LIBERTAÇÃO X EXPULSÃO

Outra prática equivocada, muito comum, é a invocação. Alguns começam os cultos já mandando sair determinados espíritos, pronunciando os nomes de vários deles. Essa prática é errada porque o nosso culto tem de ser para o Senhor. Devemos invocar é a presença de Deus. Caso aconteça alguma manifestação maligna, esta deve ser repreendida no nome de Jesus Cristo. Perguntar o que não precisa ser perguntado fragiliza a consciência das pessoas, porque alguns ficam com medo e acabam dando vazão a ações demoníacas.

Não há credibilidade naquilo que Satanás fala, mas há valor no que Jesus Cristo fez. O Diabo é pai da mentira, por isso não lhe pergunte nada, caso contrário estará obedecendo a ensinamentos de demônios. Veja o que a Bíblia nos orienta:

*Vocês pertencem ao pai de vocês, o Diabo, e querem realizar o desejo dele. Ele foi homicida desde o princípio e não se apegou à verdade, pois não há verdade nele. Quando mente, fala a sua própria língua, pois é mentiroso e pai da mentira.*

João 8.44



A Palavra de Deus também fala sobre a estratégia maligna no texto bíblico de Mateus 12.43,45a:

*Quando um espírito imundo sai de um homem, passa por lugares áridos procurando descanso. Como não o encontra, [...] Então vai e traz consigo outros sete espíritos piores do que ele, e, entrando, passam a viver ali. E o estado final daquele homem torna-se pior do que o primeiro.*

Particularmente, gosto de separar as expressões “expulsão de demônios” de “libertação”. Libertação vem pela Palavra de Deus, como Jesus afirmou: “E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (João 8.32). Conhecer a verdade não é um processo intelectual, e sim de vivência. Se alguém conhece a verdade, num sentido profundo de intimidade, de possuí-la de fato, está liberto não só do poder do Diabo como também do pecado. A Palavra é libertadora.

Quando falamos de expulsão de demônios, surge o pensamento equivocado de que devemos expulsar demônios apenas dentro das igrejas. A expulsão de demônios acontece da seguinte forma: se um espírito maligno se manifestar, deve ser repreendido em o nome de Jesus Cristo. Não é preciso gritar, sacudir a cabeça da pessoa ou ficar nervoso. Basta ter autoridade espiritual. Podemos fazer isso em tom de voz baixo, porque se demônio tivesse medo de grito não passaria em frente a um estádio de futebol em dia de jogo.

Quando um demônio é expulso de alguém e a pessoa não é discipulada e instruída na Palavra de Deus, o espírito maligno volta. “Então vai e traz outros sete espíritos piores do que ele, e entrando passam a viver ali. E

o estado final daquele homem torna-se pior do que o primeiro” (Lucas 11.26). Por isso a importância do ensino e de ser cheio da Palavra.

Durante o culto, existem situações em que pessoas são libertas em meio à ministração da mensagem bíblica, sem manifestação demoníaca aparente. Em igrejas em que não existe a prática do ensino da Bíblia e da sua verdade, onde se dá prioridade apenas ao ato de expulsar espíritos imundos, nada é modificado na vida das pessoas. Isso acontece porque falta a ministração da Palavra da Verdade.

Por que muitos líderes agem assim? Porque gostam do espetáculo e isso os faz parecer poderosos. Quando uma manifestação demoníaca acontece, a expulsão deve ser feita de maneira discreta, de preferência em local reservado, para que a pessoa não fique exposta e o fato não vire uma exibição.

## AUTORIDADE ESPIRITUAL

Em uma ocasião, os discípulos não conseguiram expulsar o demônio de um menino. Veja o relato em Marcos 9.17-29:

*E um, dentre a multidão, respondeu: Mestre, trouxe-te o meu filho, posses de um espírito mudo; e este, onde quer que o apanha, lança-o por terra, e ele espuma, rilha os dentes e vai definhando. Roguei a teus discípulos que o expelissem, e eles não puderam. Então, Jesus lhes disse: Ó geração incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-mo. E trouxeram-lho; quando ele viu a Jesus, o espírito imediatamente o agitou com violência, e, caindo ele por terra, revolvía-se espumando. Perguntou Jesus ao pai do menino:*

*Há quanto tempo isto lhe sucede? Desde a infância, respondeu; e muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para o matar; mas, se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos. Ao que lhe respondeu Jesus: Se podes! Tudo é possível ao que crê. E imediatamente o pai do menino exclamou [com lágrimas]: Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé! Vendo Jesus que a multidão concorria, repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai deste jovem e nunca mais tornes a ele. E ele, clamando e agitando-o muito, saiu, deixando-o como se estivesse morto, a ponto de muitos dizerem: Morreu. Mas Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou. Quando entrou em casa, os seus discípulos lhe perguntaram em particular: Por que não pudemos nós expulsá-lo? Respondeu-lhes: Esta casta não pode sair senão por meio de oração [e jejum].*

Jesus disse à multidão que os discípulos não haviam conseguido expulsar o espírito demoníaco por causa da falta de fé. No entanto, ao ser questionado em particular, Jesus respondeu que aquela casta só poderia sair por meio da oração. No texto transcrito acima, as palavras “e jejum” estão entre colchetes. Isso significa que elas não fazem parte dos originais, sendo um acréscimo inserido. Em Mateus 17.14-21, onde esse episódio também está registrado, toda a frase está entre colchetes: “[Mas esta casta não se expele senão por meio de oração e jejum]” (v. 21). Porém, a instrução original do Senhor é: essa casta só pode sair por meio de jejum e da oração. Jesus estava falando de consagração e dedicação na oração.

Se não formos pessoas dedicadas à oração, não teremos autoridade espiritual, porque esta não vem pela roupa que usamos ou pela entonação de nossa

voz. A autoridade espiritual vem por meio da dedicação à oração, pela busca da intimidade com Deus.

Existem situações em que alguém tenta expulsar um demônio e ele não sai. Quando isso acontece, pode ser que a pessoa supostamente “possessa” esteja querendo atrair a atenção e a piedade dos irmãos, a fim de obter algum benefício em particular. Infelizmente, vi o fato acontecer muitas vezes. Em outros casos, o benefício que desejam é atrair a atenção por carência. Nessas situações, nem precisamos falar no nome de Jesus. Basta dizer: “Fulano, pare com isso e se levante!”.

Em uma situação parecida, um certo Pastor que conheço falou para a pessoa que aparentava estar possesa: “Se continuar vou chamar a polícia!”. É impressionante como a pessoa parou de se contorcer e rapidamente se levantou. Quando se trata de um espírito demoníaco, este se submete à autoridade do nome de Jesus. Para o caso de um espírito maligno que não sai quando um cristão vai expulsá-lo, pode haver duas possibilidades. A primeira: o cristão não tem uma vida de oração e vive de maneira hipócrita; a segunda: o caso realmente não é uma questão de possessão espiritual.

Deus nos deu autoridade: “Eu lhes dei autoridade para pisarem sobre cobras e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo; nada lhes fará dano” (Lucas 10.19). No entanto, precisamos ter sempre em mente que expulsão de demônios não é motivo de espetáculo, muito menos é o centro de um culto a Deus, nem mesmo um ministério. Porque os ministérios dados pelo Senhor são: “E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres” (Efésios 4.11). Logo, isso é o que devemos buscar. Por mais novo na fé que seja, o cristão tem autoridade sobre Satanás, pois este não tem poder e foi destituído na

cruz do Calvário. Maior é Deus, que está em nós, do que aquele que está no mundo,<sup>10</sup> e isso é um fato.

## CONCLUSÃO

Não temos de entrevistar demônios, muito menos buscar informações deles. Precisamos estar atentos quanto aos enganadores e mentirosos. A Bíblia nos garante que não há nada em oculto que não venha a ser revelado<sup>11</sup> e que todo o poder da mentira cai, porque a Palavra de Deus é verdade e ela sempre prevalecerá.

Jesus Cristo venceu e sua vitória foi arrasadora. O Inimigo está com seus dias contados, por isso não devemos temê-lo nem desejar aprender nada com ele. Temos que pregar o Evangelho, e se, por um acaso, ao longo de nossa caminhada cristã, cruzarmos com algum demônio, basta expulsá-lo em o nome de Jesus Cristo. A Igreja não precisa ter medo, fazer espetáculo nem valorizar as atuações demoníacas, porque Cristo já triunfou.

Quanto a nós, vivamos segundo a Palavra de Deus; preguemos o Evangelho da verdade, sem fantasias e mistificações. O papel da Igreja de Jesus Cristo não é promover espetáculo ou show de horrores, mas pregar as boas-novas da salvação. É ensinar e discipular as pessoas a andarem com Cristo, em obediência às Sagradas Escrituras.

\* \* \*

.....  
10 1 João 4.4.

11 Mateus 10.26.

## CAPÍTULO 2

# O CAMPO DE BATALHA

PR. ADRIANO CONCEIÇÃO DA SILVA

Ao raiar o dia 1º de setembro de 1939, as tropas da Alemanha nazista iniciaram a invasão da Polônia, tendo como objetivo principal a retomada de um território conhecido como “corredor polonês”, que ligava a Polônia ao Mar Báltico. A partir dessa ação alemã eclodiu um dos conflitos mais sangrentos da história: a Segunda Guerra Mundial. De 1939 a 1945, os países do eixo (Alemanha, Itália e Japão) e os aliados (Inglaterra, a extinta União Soviética, França e Estados Unidos e outros, como o próprio Brasil) se enfrentaram em diversas batalhas que produziram um terrível saldo de mais de 50 milhões de mortos e quase 30 milhões de mutilados.

Iniciei este capítulo com a descrição de uma guerra travada entre humanos por perceber que muitos falam e ensinam sobre o tema “batalha espiritual” como se ele ocorresse exatamente do mesmo modo que acontecem as guerras em nosso mundo físico.

Com pouco mais de duas décadas de caminhada cristã, já ouvi relatos de irmãos emocionados que afirmam ter visto anjos sangrando no meio da igreja após um embate ferrenho contra as hostes de Satanás, ou a visão do exército celestial frente a frente com o exército das trevas, prestes a se enfrentar, disputando o controle de um determinado território.

Meu objetivo aqui não é o de ridicularizar as experiências de irmãos sinceros, mas ampliar a visão que temos sobre batalha espiritual, porque na maior parte das vezes este conflito é travado de uma maneira totalmente silenciosa e bem menos *spielberguiana* do que se possa imaginar. Todavia, isso não significa que esta guerra seja menos séria, que possamos vencê-la com meia dúzia de jargões evangélicos ou que seus efeitos possam ser menos maléficos. Pelo contrário, quanto mais sutis forem as investidas do Inimigo, mais preparo e vigilância para vencer seus ardis o cristão deverá ter.

## A BATALHA NA MENTE

Embora pese pouco mais de um quilo, o cérebro humano é o mais complexo e organizado arranjo de matéria que existe em todo o planeta. Tem em média 100 bilhões de neurônios (com cerca de 100 trilhões de conexões), que, em conjunto, conseguem realizar tarefas com mais eficiência do que os supercomputadores mais poderosos que existem na atualidade. O número de ligações entre os neurônios de um único cérebro humano é superior ao número de todos os computadores do planeta que estão ligados hoje à rede mundial de computadores – a Internet. A maioria dos cientistas dos nossos dias concorda que o cérebro é o órgão que coordena o funcionamento do restante do corpo, incluindo o funcionamento até do coração.

Em toda a sua complexidade e importância, o cérebro humano – que podemos traduzir por “mente”, em seus aspectos relacionados ao pensamento – é o palco principal onde o cristão trava sua batalha contra Satanás e o seu império. É por isso que o sábio Salomão, inspirado por Deus, escreveu o texto de Provérbios 4.23, que diz: “Acima de tudo, guarde o seu coração, pois dele depende toda a sua vida”.

É importante compreendermos que, para os hebreus, a palavra “coração” era usada para designar a sede dos pensamentos, dos sentimentos e da vontade humana. Por essa razão, algumas traduções da Bíblia substituem a palavra “coração” pela palavra “pensamento”. Então, esse mesmo texto de Provérbios poderia ser escrito assim: “Acima de tudo, guarde os seus pensamentos, pois deles depende toda a sua vida”.

Pelo fato de nossa vida depender do tipo de pensamento que desenvolvemos (que produzimos), Satanás, que é um ser muito inteligente e conhece o ser humano de maneira profunda, busca “lançar suas sementes” na mente humana para que o homem pense, aja e reaja de acordo com a sua vontade. Quero deixar bem claro que estou me referindo à mente do cristão, que, por pertencer a Cristo, não pode ser invadida pelo maligno e por nenhum de seus súditos. A mente do cristão se torna um verdadeiro campo de batalha porque o trabalho paciente e incansável do Diabo é o de tentar manipulá-la por meio de pensamentos errados, impressões equivocadas e desejos distorcidos. O objetivo do Adversário é que o servo de Deus seja totalmente derrotado ou pelo menos viva abaixo das expectativas que o Senhor tem para a sua vida.

Sim, a mente humana é o maior campo da batalha espiritual entre os homens e os demônios.



O apóstolo Paulo, em 2 Coríntios 5.19,20, fez a seguinte declaração: “...Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo, não levando em conta os pecados dos homens, e nos confiou a mensagem da reconciliação. Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio...”.

Que declaração extraordinária! Primeiro fomos reconciliados com Deus, pois estávamos separados dele em virtude do pecado. Depois, recebemos a missão de proclamar ao mundo que seu relacionamento com Deus também pode ser restabelecido. É pelo fato de conhecer essa missão, que se aplica a todos os filhos de Deus, que o Adversário ataca com tanta voracidade a mente de homens e mulheres que querem experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

## O EXEMPLO DE ELIAS

A Bíblia registra em 1 Reis 19.1-9 o seguinte relato:

*Ora, Acabe contou a Jezabel tudo o que Elias tinha feito e como havia matado todos aqueles profetas à espada. Por isso Jezabel mandou um mensageiro a Elias para dizer-lhe: “Que os deuses me castiguem com todo o rigor, se amanhã nesta hora eu não fizer com a sua vida o que você fez com a deles”. Elias teve medo e fugiu para salvar a vida. Em Berseba de Judá ele deixou o seu servo e entrou no deserto, caminhando um dia. Chegou a um pé de giesta, sentou-se debaixo dele e orou, pedindo a morte. “Já tive o bastante, Senhor. Tira a minha vida; não sou melhor do que os meus antepassados.” Depois se deitou debaixo da árvore e dormiu.*

*De repente um anjo tocou nele e disse: “Levante-se e coma”. Elias olhou ao redor e ali, junto à sua cabeça, havia um pão assado sobre brasas quentes e um jarro de água. Ele comeu, bebeu e deitou-se de novo. O anjo do Senhor voltou, tocou nele e disse: “Levante-se e coma, pois a sua viagem será muito longa”. Então ele se levantou, comeu e bebeu. Fortalecido com aquela comida, viajou quarenta dias e quarenta noites, até chegar a Horebe, o monte de Deus. Ali entrou numa caverna e passou a noite.*

Elias foi levantado como profeta da nação de Israel em um dos períodos mais críticos da História. O rei Acabe e sua esposa, Jezabel, mergulharam o povo de Deus em uma era de profunda idolatria. Baal, o deus da fertilidade dos fenícios, tornou-se o “deus da nação”. Além disso, os verdadeiros profetas estavam sendo assassinados e a Palavra do Senhor era totalmente desprezada.

Elias surge nesse contexto da história de Israel como alguém levantado por Deus para confrontar os pecados da liderança da nação e trazer o povo de volta para o verdadeiro Deus.

Antes dos episódios narrados no capítulo 19, Elias vivenciou experiências fantásticas com Deus: profetizou que viria seca sobre a terra e que só voltaria a chover quando ele determinasse (e assim se cumpriu a palavra), viu Deus multiplicar a farinha e o azeite de uma viúva, ressuscitou o filho único da viúva e venceu de forma esmagadora os 450 profetas de Baal. Depois de todas essas grandiosas experiências, Elias fugiu como um rato diante da ameaça de Jezabel e cometeu pelo menos outros três erros que não devemos praticar no momento de perseguição:

*a) Elias buscou o isolamento;*

*b) Elias desistiu da vida;*

*c) Elias foi tomado por um sentimento de autocomiseração.*

O que aconteceu com o grande profeta Elias? Por que de uma hora para outra caiu em tão profunda depressão? Ele vivenciou o maior desafio do seu ministério profético: vencer a guerra espiritual que estava sendo travada em sua mente. Satanás tentou paralisá-lo pelo simples fato de que ele era um dos poucos remanescentes que estavam sabotando os planos do Inimigo naqueles dias.

Aquele ataque de Satanás contra o profeta só foi desfeito porque o próprio Deus foi ao encontro de Elias para restaurá-lo daquela condição. Agora observe bem as palavras do Senhor para um homem que tinha aceitado o conselho mentiroso do Diabo de que sua vida e missão tinham chegado ao fim: “O Senhor lhe disse: ‘Volte pelo caminho por onde veio, e vá para o deserto de Damasco. Chegando lá, unja Hazael como rei da Síria. Unja também Jeú, filho de Ninsi, como rei de Israel, e unja Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá, para suceder a você como profeta” (1 Reis 19.15,16). Para quem pensava que estava tudo acabado, Deus mostra a Elias que ele ainda seria canal da unção de Deus para muitas pessoas.

## EXEMPLOS ATUAIS

Assim como os servos de Deus do Antigo e do Novo Testamentos, os cristãos ao longo de mais de 2 mil anos de História da Igreja travaram ferozes batalhas contra o Inferno em suas mentes. Ainda hoje, o Maligno

tem se dedicado de maneira silenciosa à “arte” de minar a mente de homens e mulheres, para que não se cumpra o propósito de Deus em suas vidas.

Certa vez, um pregador da Palavra muito amigo telefonou-me pela manhã cedo. Ele estava internado e, embora soubesse que aquela enfermidade não era para sua morte, necessitava que eu orasse por ele, porque sentia uma opressão terrível em sua mente. Era como se o Diabo estivesse dizendo: “Você vai morrer. Não adianta crer em Deus. Você está no fim da linha”. Dias depois do incidente, o irmão recebeu alta médica e voltou a exercer suas atividades ministeriais sem grandes restrições, para a glória de Deus.

Em outra ocasião, fui procurado por um irmão em Cristo, que era casado. Segundo suas próprias palavras, a esposa era muito dedicada. O seu problema era uma repentina paixão por uma colega de trabalho que passou a dominá-lo, a ponto de querer se divorciar e viver aquela aventura, que, por sinal, ele reconhecia como errada. Depois daquele encontro, nunca mais vi o irmão. Não sei qual foi a sua decisão, mas sei que o Diabo o atacou na mente, pois foi gerado em seu coração um sentimento equivocado que só poderia causar destruição para os envolvidos.

O propósito do Inimigo em relação ao ser humano está registrado no conhecido texto de João 10.10: “O ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir...”. Ser bem-sucedido em seus planos de roubo, morte e destruição contra um cristão traz um sabor de satisfação muito maior para Satanás.

Diante disso, será que há como vencer a guerra espiritual na mente? A Bíblia nos instrui em como lutar e vencer esse tipo de conflito? A resposta

é sim. Quem sabe você esteja vivendo essa batalha no exato momento em que lê as páginas deste livro. Vamos aprender então princípios da Palavra que o ajudarão a prevalecer contra os ataques malignos à sua mente. Nunca se esqueça das palavras registradas pelo apóstolo Paulo em Romanos 8.31: “Que diremos, pois, diante dessas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?”.

## COMO VENCER A BATALHA ESPIRITUAL NA MENTE?

Vivemos em um tempo em que a maioria das pessoas busca respostas rápidas e superficiais para todos os seus questionamentos. Mas esse não é o objetivo deste livro. Por essa razão, você não vai receber uma “receita” de como vencer a guerra espiritual na mente. O que vamos fazer é analisar seis princípios com base na Palavra de Deus a fim de que estejamos bem preparados para a peleja.

### **1. Precisamos de visão equilibrada a respeito do Inimigo**

Esse não é um princípio específico sobre a guerra espiritual na mente, mas um princípio geral que deve nortear a vida do cristão em todos os momentos. O equilíbrio é fundamental, porque grande parte da liderança evangélica assume uma postura radical ao lidar com o tema “batalha espiritual”.

De um lado estão aqueles que promovem Satanás à condição de clone de Deus. Eles falam do Inimigo como se fosse páreo para o Altíssimo, como se o Criador do Céu e da terra estivesse “suando a camisa” para não perder o trono para o Diabo. Isso é um terrível e grande engano. Porque o Senhor

é o grande El Shadai – o Deus que tem todo o poder –, aquele que não tem rival. O rei Davi expressou essa verdade em 1 Crônicas 29.11: “Teus, ó Senhor, são a grandeza, o poder, a glória, a majestade e o esplendor, pois tudo o que há nos céus e na terra é teu. Teu, ó Senhor, é o reino; tu estás acima de tudo”. Os quatro seres viventes declaram dia e noite diante do trono de Deus: “... Santo, santo, santo é o Senhor, o Deus todo-poderoso, que era, que é e que há de vir” (Apocalipse 4.8).

Nunca superdimensione o poder das trevas. Há cristãos e igrejas que falam mais nos feitos e no poder do Diabo do que no Deus eterno. Satanás diante de Deus não passa de um “ratinho com um megafone”; ele é um ser criado que tem seus dias de maldade contados, pois já está condenado.

O outro extremo, não menos perigoso, é ocupado por aqueles que afirmam que o Diabo é um derrotado e que não precisamos nos preocupar com ele. Para esses líderes, o nome do Adversário é humilhado e frequentemente usado em piadinhas nos púlpitos. Porém, a Bíblia não nos ensina a nos posicionarmos dessa maneira. Observe o que a Palavra afirma sobre o assunto em dois textos bastante conhecidos:

*Portanto, submetam-se a Deus. Resistam ao Diabo, e ele fugirá de vocês.*

Tiago 4.7

*Estejam alertas e vigiem. O Diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar.*

1 Pedro 5.8

Da mesma forma, nunca subestime o poder das trevas. Cristãos estão perdendo importantes batalhas na vida espiritual porque entendem que o Diabo é um “cão morto”, inofensivo e até engraçado. A verdade é bem outra. Nosso adversário é inteligente e cruel. Por isso é importante o devido preparo para vencê-lo.

## **2. Precisamos ocupar a mente com as coisas do alto**

Para que as ideias, as sugestões e os sentimentos semeados pelo Maligno não se alojem em nossa mente, precisamos ocupá-la ao máximo com as coisas de Deus. Paulo ensinou duas importantes verdades sobre o tema:

*Finalmente, irmão, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas.*

Filipenses 4.8

*Portanto, já que vocês ressuscitaram com Cristo, procurem as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas.*

Colossenses 3.1,2

A mente humana funciona como uma esponja que absorve tudo o que vemos, ouvimos e percebemos. Uma cena forte de violência ou um acidente pode ficar registrado em nossa memória por muito tempo, talvez

por toda a nossa vida. Sendo assim, precisamos selecionar muito bem aquilo a que assistimos, como também o que lemos e ouvimos. Precisamos “alimentar”, municiar nossa mente com o que edifica. O apóstolo Paulo deixa bem claro que aquele que serve a Deus deve preencher a mente com o que agrada ao Senhor.

Nos últimos anos, tem crescido o número de cristãos que procuram sua liderança para confessar pecados relacionados ao vício de pornografia, seja pela internet, por filmes ou revistas. Casamentos estão sendo desfeitos e muitas pessoas têm se tornado reféns de pensamentos pervertidos.

Também cresce o sucesso de programas de TV em que os participantes ficam presos em uma casa, vigiados por câmeras 24 horas por dia. Coisas simples do cotidiano, como escovar os dentes ou tomar banho, podem ser observadas pelos telespectadores. O triste é que o sucesso de tais programas é garantido por meio de apelo sexual, além de brigas e fofocas entre seus participantes. O mais triste é que muitos cristãos perdem seu tempo sagrado inserindo esse lixo em suas mentes, quando poderiam usar o mesmo tempo em oração ou meditação nas Escrituras Sagradas.

Precisamos entender nossa mente como um campo, que, para produzir bons frutos (bons pensamentos), necessita que toda erva daninha seja arrancada e somente boas sementes sejam plantadas.

De vez em quando alguém me faz a seguinte pergunta: “Pastor, é pecado ver novela?” Ou: “Posso ouvir música não cristã?”. Como disse anteriormente, as pessoas querem respostas prontas: pode ou não pode, sim ou não. Mas, para tristeza de alguns, respondo: “Você tem que saber se isso acrescenta algo ao seu intelecto ou à sua espiritualidade”. Minha



resposta é sincera, porque creio que nem toda música não evangélica seja nociva e que ainda existem raros, mas bons programas de TV, assim como existem músicas, pregações, livros e debates ditos evangélicos que trazem ensinamentos completamente estranhos à Palavra de Deus e que devem ser rejeitados.

Quando era recém-convertido, ouvi uma ilustração de sermão que nunca esqueci. O Pastor disse que um homem muito esperto tinha dois cães, um preto e um branco. Então ele alimentava o cão branco e deixava o outro com fome por dias. Ele levava os dois animais para a praça principal de uma cidade e os punha para brigar. Obviamente, o cachorro branco espancava o preto. Dias depois, voltava para a mesma praça, porém agora o cão preto era que estava alimentado. O dono dos cães estava aceitando apostas. O que acontecia? As pessoas apostavam no cachorro branco, mas agora era o preto que dava uma surra e o povo perdia grande soma de dinheiro para o dono dos cães.

Apesar de simples, o objetivo da ilustração é mostrar que o espírito tem de estar bem alimentado para vencer as inclinações da carne. Sem dúvida alguma, a ilustração também serve para pensarmos na mente, pois precisamos que ela seja alimentada – preenchida pelas coisas celestiais – para que as sementes malignas não sobrevivam no “campo” da nossa mente.

### **3. Precisamos ter a mente constantemente renovada**

Em Romanos 12.2 está escrito: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”. Outro princípio fundamental para que a batalha

travada na mente seja vencida é a sua renovação constante pelos valores do Reino de Deus, para que tudo o que for contrário à Palavra de Deus seja automaticamente rejeitado.

O apóstolo Paulo afirma em 1 Coríntios 2.16 que temos a mente de Cristo. Ter a mente de Cristo significa ter os pensamentos, os valores e os sentimentos semelhantes aos do Senhor Jesus. Não há cirurgia humana que possa nos fazer adquirir a mente de Cristo ou de qualquer outra pessoa. O milagre de possuir a mente de Cristo só acontece por dois processos: o novo nascimento (João 3.3-6), que ocorre quando entregamos nossa vida a Cristo e recebemos a sua natureza, e o lavar purificador da Palavra de Deus (Efésios 5.26).

Vivemos em um mundo que jaz no Maligno. Os níveis de moralidade, caráter e espiritualidade são cada vez mais baixos. Apenas com a mente impregnada da Palavra do Senhor o ser humano consegue se manter fiel a Deus. É por isso que o salmista dá um importante conselho aos jovens: “Como pode o jovem manter pura a sua conduta? Vivendo de acordo com a **tua** palavra” (Salmos 119.9; grifo do autor).

O cristão terá condições de rejeitar todos os manjares deste mundo apenas se a sua mente estiver encharcada com a Palavra de Deus. Só a mente sã poderá rejeitá-los sem titubear.

Um grande amigo muito jovem estava com um grupo de colegas estudantes, quando foi convidado a participar de uma orgia sexual. Ele imediatamente rejeitou “a oferta” por ser cristão. Mas o colega contra-argumentou: “Não tem ninguém da sua igreja vendo”. E o rapaz prontamente respondeu: “Mas o meu Deus está aqui comigo”.

Foi com a mente impregnada da Palavra que Jesus venceu a mais terrível batalha na mente: a tentação no deserto (Mateus 4.1-11). Ele estava com fome e o Diabo pessoalmente o tentou. Mas em todas as investidas Jesus declarou: “Está escrito”.

Não é de estranhar o fato de vermos tantos líderes espirituais caindo em adultério e tantos cristãos com comportamento duvidoso. A geração de cristãos da atualidade é a que investe menos tempo em oração e meditação na Palavra de Deus, por isso tantas derrotas no seio da Igreja.

#### **4. Precisamos ter discernimento espiritual**

O quarto princípio para se vencer a batalha na mente é o discernimento espiritual. Discernimento significa “saber a diferença”, “perceber com clareza”. Nesse contexto de guerra espiritual, significa a capacidade de identificarmos quando é o Inimigo que está atacando nossa mente.

Em muitas ocasiões, não é necessário uma grande percepção para identificarmos os ataques de Satanás. Por exemplo: em uma das mensagens sobre o Apocalipse, pregadas pelo saudoso Bispo Roberto McAlister, ele narra a experiência de um pastor sul-africano que veio pregar no Brasil e se sentiu fortemente oprimido por um espírito de prostituição. O homem se trancou no quarto do hotel e ligou para o seu país, pedindo oração aos irmãos de sua igreja. Embora a experiência desse pastor tenha sido intensa, isso não exigiu dele grande discernimento em perceber a origem maligna daquilo que vivenciou.

Outro exemplo: em 1996, fui convidado pelo Pastor Jorge Duarte, da Igreja Cristã Nova Vida (ICNV) Mesquita, no Rio de Janeiro, para

assumir a liderança da Geração Ação, como chamamos na denominação o grupo de jovens, daquela igreja local. Aceitei de imediato a convocação, apesar de entender que era um grande desafio em minha vida. Só que, a partir daquele momento, minha mente passou a ser bombardeada por um pensamento sutil. Não foi simplesmente uma reação normal de medo ou insegurança diante de um desafio. Comecei a acreditar que Deus estava me direcionando a não aceitar a liderança da juventude da igreja. Fiquei convicto de que deveria agradecer ao Pastor pela confiança e informá-lo de que o meu chamado era para cooperar apenas nos bastidores. Além do mais, faltavam-me conhecimento, maturidade e tempo.

Tudo parecia indicar que a decisão era sensata e acima de tudo dada por Deus. Nunca fui tímido, muito menos sou de fugir dos desafios da obra do Senhor. O problema é que “parecia” que Deus estava me orientando a tomar tal decisão.

Em nossos dias, quantos irmãos sinceros (não estou falando de líderes sem caráter) recebem a “revelação de Deus” de sair de sua igreja e fundam um ministério, enfraquecendo a igreja de origem e gerando ressentimentos terríveis. Enganados por Satanás, afirmam: foi a vontade do Senhor.

Um detalhe muito importante acendeu uma luz de alerta dentro de mim. Eu sabia que decisões alinhadas com a vontade de Deus trazem paz ao coração. E, ao invés de paz, eu sentia uma angústia muito grande. Então decidi ficar quieto e continuar orando. A oração nos põe face a face com Deus e cara a cara com o Maligno. Logo, a mentira do Inimigo se dissolveu. Minha mente se abriu e consegui discernir que Deus me chamava para aquela obra.

Até hoje ouço testemunhos de pessoas que foram abençoadas naquela época. Ali também descobri que Deus me escolhera para ser um Pastor. Quantas coisas o Senhor fez por mim e por meu intermédio que poderiam ter sido descartadas caso me faltasse a sensibilidade espiritual para perceber o que Deus queria realizar. A Bíblia afirma em 1 Coríntios 2.15: “Mas quem é espiritual discerne todas as coisas...”.

Vivemos dias de grande confusão, a maioria das pessoas (inclusive cristãs) vive sem direção: guiados por seus sentimentos, pela mídia e pelo próprio Satanás. Mas o apóstolo Paulo ensina aos irmãos da igreja de Corinto que aqueles que são espirituais não serão ludibriados, pois conseguirão discernir todas as coisas. A promessa não é para todos os religiosos, tampouco para todos os membros de uma igreja, mas para aqueles que são espirituais, ou seja, aqueles que crucificam sua carne e são guiados pelo Espírito Santo.

## **5. Precisamos ter autoridade espiritual**

As últimas palavras que Jesus proferiu antes de ser elevado aos céus estão registradas em Marcos 16.15-18: “...Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado. Estes sinais acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum; imporão as mãos sobre os doentes, e estes ficarão curados”.

Jesus deu uma ordem aos seus discípulos e prometeu que lhes daria autoridade (ou poder). Em Atos 1.8, Lucas também registra uma das últimas palavras de Jesus antes da ascensão: “Mas receberão poder quando

o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra”.

Que tipo de poder é esse que prometeu nos dar? Seria algum tipo de poder político ou financeiro? Ou será que estava querendo dizer que seríamos superiores aos reles mortais? Na verdade, Jesus nos prometeu poder para:

*a) Testemunharmos dele;*

*b) sermos usados para realização de sinais e maravilhas;*

*c) repreendermos toda fúria do Inferno.*

Dentro do contexto de batalha espiritual na mente, o cristão não só pode, como deve, se levantar com autoridade contra as forças do Inferno. Não há o que temer, pois a Bíblia é clara quanto ao papel do cristão em relação a Satanás. Vejamos três referências bíblicas que falam sobre o assunto:

*a) Mateus 16.18: “E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la”;*

*b) Tiago 4.7: “Portanto, submetam-se a Deus. Resistam ao Diabo, e ele fugirá de vocês”;*

*c) 1 João 4.4: “Filhinhos, vocês são de Deus e os venceram, porque aquele que está em vocês é maior do que aquele que está no mundo”.*

Muitos aceitam passivamente a tirania de Satanás, vivendo constantemente debaixo de pressão e com a mente confusa, como consequência de toda

uma engenharia infernal para dirigi-la ou pelo menos perturbá-la. A vitória de um cristão começa na mente<sup>12</sup> e Satanás sabe disso, porque nossos pensamentos determinam quem nós somos e em que cremos. É na mente que determinamos servir a Cristo ou ao mundo, fazer a vontade de Deus ou a nossa, sermos cheios do Espírito Santo ou vivermos uma espiritualidade rasa.

Com Cristo tenho aprendido diante de ataques tenebrosos a não me intimidar, a não aceitar os abusos do Maligno. Quando assumi a liderança da ICNV Chatuba, no município de Mesquita (RJ), durante semanas fui assolado com pesadelos em que demônios me sufocavam ou eu era espancado e ameaçado de morte. Acordei diversas vezes com o coração acelerado, como se tivesse acabado de participar de uma maratona.

Um dia, no meio dessa batalha, levantei-me e abri a boca, não para clamar a Deus, pois minhas palavras foram endereçadas ao Inferno. Eu disse: “Satanás, minha vida pertence ao Senhor Jesus, aquele que te derrotou na cruz do Calvário. Por isso, querendo você ou não, aquilo que o Todo-Poderoso tem para realizar por meio da minha vida naquele lugar vai se cumprir”. Apesar das lutas e outros ataques que tenho sofrido, sei em quem tenho crido e sei que Ele me deu autoridade para prevalecer no mundo espiritual.

## **6. Precisamos de parceiros de oração (de intercessores)**

O sexto e último princípio é a necessidade de buscarmos ter parceiros de oração. Geralmente valorizamos isso por parte de nossos líderes, mas

.....  
<sup>12</sup> Saiba mais em ZÁGARI, Maurício, *A Verdadeira Vitória do Cristão*. Rio de Janeiro: Anno Domini, 2012.

entre o povo é muito importante que se crie o compromisso de oração mútua. É o que nos ensina a Palavra de Deus em Tiago 5.16: “Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz”.

Uma das marcas da sociedade pós-moderna é o individualismo, aquela lógica de “cada um por si e Deus por todos”. A Igreja inclusive tem incorporado tal filosofia, pois muitos fazem parte de alguma comunidade de fé e não se relacionam com outros: por opção ou porque são completamente ignorados pelos irmãos.

A Igreja precisa restaurar o verdadeiro conceito de unidade, pois somos membros uns dos outros. Embora a salvação seja pessoal, a bênção de Deus é ordenada quando vivemos em união (Salmo 133).

O texto de Tiago 5.16 chega a ser surpreendente em nossos dias. Somos curados quando há confissão e oração mútua. Tenho experimentado a veracidade desse texto, pois me reúno regularmente com outros seis pastores (além das reuniões semanais do Presbitério da ICNV) para momentos de oração e encorajamento.

A batalha espiritual na mente pode ser vencida quando dividimos nossa dificuldade com outros cristãos que possam nos apoiar em oração.

## CONCLUSÃO

O objetivo deste capítulo é abrir os nossos olhos e apresentar alguns princípios que podem nos ajudar a vencer a guerra espiritual. Você que deseja vencer essa luta, que tem como principal campo de batalha a



mente humana, ore a Deus, declarando em o nome de Jesus que seus pensamentos serão totalmente controlados pelo Senhor. Peça perdão pelas vezes que você permitiu que eles se tornassem contrários à Palavra de Deus. Consagre a sua mente ao Senhor. Ele o ajudará a pensar como Jesus pensa e, conseqüentemente, a agir como Ele age.

\* \* \*

## CAPÍTULO 3

# A ARMA PRINCIPAL DA BATALHA

PR. LUIZ FERNANDO MARTINS

*Usem... a espada do Espírito, que é a palavra de Deus.*

Efésios 6.17

Quando falamos sobre vencer a batalha espiritual na mente, aprendemos que as estratégias para obter essa vitória advêm da Palavra de Deus. O sucesso de grandes homens de Deus resume-se simplesmente ao fato de que eles ouviram e obedeceram às Sagradas Escrituras. Jesus afirmou que é impossível que a sua Palavra falhe: “Os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão” (Mateus 24.35). Por essa razão, torna-se impossível ser vitorioso nos embates contra o Inimigo se não dermos

a devida importância às Escrituras. A parábola do semeador exemplifica bem essa questão de não priorizarmos a Palavra.

*O semeador saiu a semear. Enquanto lançava a semente, parte dela caiu à beira do caminho, e as aves vieram e a comeram. Parte dela caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra; e logo brotou, porque a terra não era profunda. Mas quando saiu o sol, as plantas se queimaram e secaram, porque não tinham raiz. Outra parte caiu entre espinhos, que cresceram e sufocaram as plantas. [...] Quando alguém ouve a mensagem do Reino e não a entende, o Maligno vem e lhe arranca o que foi semeado em seu coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho. Quanto ao que foi semeado em terreno pedregoso, este é aquele que ouve a palavra e logo a recebe com alegria. Todavia, visto que não tem raiz em si mesmo, permanece por pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandona. Quanto ao que foi semeado entre os espinhos, este é aquele que ouve a palavra, mas a preocupação desta vida e o engano das riquezas a sufocam, tornando-a infrutífera.*

Mateus 13.3-7,19-22

Ouvir, entender e obedecer. Há uma prática cristã chamada *lex orandi* que fala exatamente sobre isso. *Lex* se refere à questão de que a pessoa, além de ouvir ou ler, deve entender e pôr em prática. Trata-se de observar a Lei de Deus, meditar na sua Palavra e obedecer ao que está escrito nela. Muito importante na cristandade antiga, essa prática foi deixada de um tempo para cá. Os cristãos hoje não meditam mais na Bíblia Sagrada. Alegrem-se muito com ela, mas meditam pouco em suas palavras. Muitas

vezes, a mensagem é bem aceita na igreja, porém em casa ela não existe, não serve para nada. É por falta dessa prática que muitos servos de Deus abandonam a fé cristã ou até mesmo usam as Escrituras para defender um ensinamento antibíblico.

Conforme a parábola mencionada, quando alguém ouve a mensagem do Reino e não a compreende, o Maligno vem e arranca o que foi semeado em seu coração (v. 19). Essa passagem faz referência àquele que ouviu a mensagem do Evangelho com descaso. São as pessoas que até vão à igreja, mas não têm compromisso. Elas ouvem, mas não praticam. Além disso, estão muito longe de compreender que o Diabo faz de tudo para roubar do nosso entendimento a semente da Palavra. Já vimos que existe uma batalha que se trava em nossa mente. Por isso mesmo, não podemos ignorar o fato de que existem espíritos malignos que rondam os nossos pensamentos.

A parábola do sementeiro também nos adverte da prioridade que precisamos dar à Palavra de Deus. Às vezes, priorizamos mais as práticas religiosas. Por exemplo, quando algo muito ruim acontece, todo bom religioso vai logo dobrar os joelhos e orar. Ou então pede para alguém fazer uma oração e até jejuar. Lembro-me de certa vez que perdi meus óculos. Fazia pouco tempo que os tinha comprado e meu pai ainda estava pagando. Como orei para recuperá-los! Fiquei apavorado com a ideia de ter que contar aos meus pais o que havia acontecido. Eu nunca orava e não gostava de orar, muito menos de ler a Bíblia, mas naquele dia não parei de orar quando cheguei à igreja. Suei a camisa de tanto que orei e supliquei por misericórdia.

Esse é um exemplo simples de como muitos só se voltam para o Senhor quando estão enfrentando dificuldades. Priorizamos o relacionamento com Deus quando nos vemos em aperto. Buscamos Sua presença em

oração e Sua orientação na Palavra quando estamos em situações difíceis. Isso é um problema, pois, quando não priorizamos as Escrituras, também ficamos em segundo plano. Deus passa a priorizar a nossa vida quando Sua Palavra também é prioridade em nosso viver.

## A CENTRALIDADE DAS ESCRITURAS

O apóstolo Paulo, em Romanos 10.16, fez uso das palavras do profeta Isaías quando disse: “No entanto, nem todos os israelitas aceitaram as boas-novas. Pois Isaías diz: ‘Senhor, quem creu em nossa mensagem?’”. Há pessoas que de fato não dão a menor importância à mensagem do Evangelho, à Palavra do Senhor. Além disso, há uma prática no meio cristão de somente dar atenção a uma palavra que é agradável de ouvir. Porém, nem sempre a Palavra de Deus virá da forma como gostamos de escutar. Certa vez, um Pastor disse que havia coisas na Bíblia que ele não gostava de ouvir ou ler, mas que eram necessárias.

Todo conselho que não tem a Bíblia como centro não é confiável. Se desejarmos ser bem-sucedidos em qualquer luta contra o nosso Adversário, precisamos buscar orientação nas Escrituras. Muitas vezes queremos que Deus fale conosco usando o pregador, quando na verdade poderíamos ouvir a Sua voz por intermédio de Sua Palavra. Deus pode falar conosco no silêncio do nosso quarto. Não daremos prioridade simplesmente porque foi no silêncio? Sabe por que muitas vezes não vemos Deus agir em nossas vidas? Por falta da Palavra de Deus. Oremos quanto for necessário, mas se a Bíblia não tiver prioridade, de nada adiantará. Precisamos deixar de esperar Deus falar conosco somente na pregação. A simples leitura da Bíblia pode trazer a resposta certa para as nossas indagações, o milagre

que tanto esperamos, a estratégia que realmente destruirá os propósitos de Satanás.

Sendo assim, cabe aqui uma pergunta: Que lugar a Palavra de Deus ocupa em nossa vida? O profeta Oséias disse, como registrado em seu livro: “Meu povo foi destruído por falta de conhecimento” (4.6). Ele ainda prossegue dizendo: “Conheçamos o Senhor; esforcemo-nos por conhecê-lo” (6.3). A derrota diante das ferramentas do Inimigo é certa quando não consultamos as Sagradas Escrituras. Israel foi destruído porque não tinha o devido conhecimento de Deus e de sua Palavra. Portanto, o lugar adequado para a Palavra de Deus deve ser sempre o que lhe concede prioridade. Apenas dessa forma será possível produzir frutos que se converterão em derrotas do Inferno. A Palavra não frutificará em outro lugar que não seja o de prioridade, que requer obediência.

Se esse for o nosso entendimento, conseguiremos compreender a Palavra no momento em que ela nos trazer algo que não nos faça sorrir. Às vezes, a mensagem que ouviremos nos fará chorar. Mas, ainda assim, ela não deve perder o lugar de privilégio em nossas vidas. Somente dessa maneira estaremos fortalecidos contra a influência do poder das trevas, das entidades malignas que operam por meio do engano – dependendo da importância que damos ou não à Palavra de Deus.

## LIBERTAÇÃO, QUEBRA DE MALDIÇÃO E RENÚNCIA DE PECADOS: INÓCUAS SEM A PALAVRA

João declarou em seu Evangelho: “E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (8.32). Não há maior libertadora de almas do que a Palavra de

Deus que temos em mãos. Não adianta “ministrar libertação” sobre a vida de uma pessoa se ela não quiser que a mensagem libertadora entre em sua vida e promova transformação. Uma pessoa pode chegar à igreja cheia de demônios e o pastor expulsar todos em o nome de Jesus. Todavia, se ela não construir muros em volta de sua casa (vida), eles voltarão, pois a casa estará aberta, vazia, sem proteção. A Palavra de Deus é a proteção que qualquer pessoa necessita ter; ela é “lâmpada que ilumina os [nossos] passos e luz que clareia o [nosso] caminho” (Salmos 119.105).

Por acaso, alguém teria coragem de parar o carro na rua, com carteira em cima do banco, talão de cheques no painel e a chave na ignição? Dependendo do lugar onde se mora, ninguém tem coragem de dormir com a janela do quarto aberta, em consequência do medo de que a casa seja invadida por um ladrão. Na vida espiritual, há pessoas que estão com a casa destrancada, sem a devida proteção da Palavra. Nesses casos, o ladrão vem, rouba, mata e destrói (João 10.10). A arma mais eficiente no combate às potestades das trevas não é tanto a oração, mas o valor que damos às verdades de Deus.

Certa vez, uma mulher chegou à igreja pedindo oração porque estava rodeada de problemas com o marido, o filho, a vizinha e outras pessoas. Então, o Pastor que a atendeu perguntou: “Vamos orar, você quer Jesus?” Ela lhe devolveu a pergunta: “Essa igreja tem revelação?”. O pastor respondeu: “Não”. “Ah, então eu não quero”, retrucou a mulher – e foi embora.

É impressionante como as pessoas se apegam a movimentos, mas negligenciam a Palavra de Deus, que é o alimento para a alma. Muitos quebram os princípios bíblicos e acreditam que, porque frequentam a igreja

ou são filhos de crentes, estão ilesos de cobranças da parte do Senhor. Quem vive na prática do pecado não conhece a Palavra; se conhecesse, se esforçaria para andar na luz, porque em Deus não há treva nenhuma (1 João 1.5).

Crentes em Jesus não ficam endemoninhados, mas a pouca importância dada à Palavra de Deus é tão grande que está causando falta de discernimento. Certa vez, orei por uma jovem numa igreja e, de repente, ela caiu endemoninhada. Naquele momento, alguém disse: “Ela está repousando no espírito”. Repouso no espírito? Tinha uma casta do tamanho de uma árvore na vida daquela menina, e as irmãs glorificavam a Deus sem perceber que se tratava de algo maligno. Então eu disse: “Não é aleluia não, irmãs. É demônio que está oprimindo a jovem”.

A razão para a falta de discernimento é que a Palavra de Deus não está tendo prioridade. Aquela jovem ainda não havia feito uma aliança de fato e de verdade com Cristo, e as irmãs não tinham intimidade e profundidade na Palavra. Não adianta fazer oração forte, quebra de maldição, renúncia de pecados, participar de círculo de oração, se as Escrituras não estiverem em primeiro lugar. Uma das regras básicas da libertação é priorizar o conhecimento e a prática da Palavra.

## FOME DA PALAVRA

Quando Jesus foi tentado pelo Diabo no deserto, Jesus o confrontou com a Palavra escrita:

*Depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. O tentador aproximou-se dele e disse: “Se você é o Filho de Deus, mande que estas pedras se transformem em pães”. Jesus*



*respondeu: “Está escrito: ‘Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus’”. Então o Diabo o levou à cidade santa, colocou-o na parte mais alta do templo e lhe disse: “Se és o Filho de Deus, joga-te daqui para baixo. Pois está escrito: ‘Ele dará ordens a seus anjos a seu respeito, e com as mãos eles o segurarão, para que você não tropece em alguma pedra’”. Jesus lhe respondeu: “Também está escrito: ‘Não ponha à prova o Senhor, o seu Deus’”. Depois, o Diabo o levou a um monte muito alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e o seu esplendor. E lhe disse: “Tudo isto te darei, se te prostrares e me adorares”. Jesus lhe disse: “Retire-se, Satanás! Pois está escrito: ‘Adore o Senhor, o seu Deus e só a ele preste culto’”. Então o Diabo o deixou, e anjos vieram e o serviram.*

Mateus 4.2-11

Jesus fez uso da Palavra que norteava a sua própria vida: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a Palavra que sai da boca de Deus” (v. 4). Da mesma forma, devemos ter uma palavra que direcione a nossa vida. A que rege a minha vida é 2 Timóteo 3.14,15: “Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu. Porque desde criança você conhece as Sagradas Letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus”. Constantemente, preciso voltar a ler essa passagem para não me esquecer de quem é Deus na minha vida.

Não devemos fazer isso para impressionar Deus. Ele não se impressiona com qualquer coisa. Se desejarmos chamar a atenção dos céus para nós,

devemos ter uma vida devocional com a Palavra de Deus. Será que alguém com fome consegue dormir em cima de um prato de comida? Acredito que, por mais que a pessoa esteja cansada, quando chegar em casa, ela primeiro irá comer. O dia inteiro andando na rua, sob o sol escaldante, o estômago fazendo aquele barulho e ao entrar em casa sente aquele cheirinho gostoso... será que ela resistirá? Muito difícil.

Então, por que não podemos fazer o mesmo com a Palavra de Deus? Porque de certa forma não estamos com tanta fome assim. Nesse caso, precisamos insistir, nos esforçar e meditar de novo. Faça isso até que consiga inculcar esse princípio em sua mente e jamais o perca de vista. Não sei fazer oração mágica, mas tenho certeza de que a Palavra de Deus é capaz de nos tornar pessoas sábias que farão escolhas sábias. A melhor delas é obedecer os mandamentos do Senhor.

Você quer vencer o Diabo? Tenha um firme compromisso com a mensagem do Evangelho. E se porventura você se sente perseguido por ele, Deus o abençoe por isso. Satanás só persegue quem quer andar na Palavra. Se ele não o estiver incomodando, é porque há algo de errado e, como dizia o Bispo Roberto McAlistier, “se você é um cristão autêntico e não tem um probleminha com o Diabo, então está dormindo com ele”.

O normal para quem quer permanecer na Palavra de Deus é ser tentado. Por que o Diabo foi tentar Jesus no deserto? Ele não perde tempo com quem já lhe pertence e serve. Ele atenta contra a vida daquele que ora, que persevera em cumprir o que está na Bíblia Sagrada. Por essa razão, não podemos rejeitar a Palavra de Deus, porque, quando fazemos isso, estamos rejeitando o próprio Senhor e ficamos desprotegidos.

## FRUTOS DA PALAVRA

Muitos podem dizer: “Pastor, estou sendo tentado por uma ‘mulher de Potifar’ no meu trabalho”, ou “Pastor, não consigo parar de me relacionar sexualmente no namoro”. Se não houver uma postura por parte dessas pessoas de resistir a esses desejos, de fato elas se tornarão presas do Adversário. E tal posicionamento só será eficiente se estiver com base na Palavra. Todavia, quem não quer vida de santidade com o Senhor irá beber, cobiçar a mulher do outro, mentir, fornicar e fazer tudo o que desagrada a Deus. Que trabalho o nosso Inimigo terá com o cristão que não tem proteção? Que guerra venceremos se a Palavra de vida não estiver em nós?

Quantas vezes precisei sair da casa de minha namorada – hoje, minha esposa – correndo? Algumas vezes, eu mal chegava e dizia: “Hoje não podemos namorar. Não me pergunte o porquê”. Voltava pelo caminho cantando e, quando chegava em casa, tomava um banho bem gelado. Fazia isso para não pecar contra o Senhor. É uma escolha. Você escolhe pecar ou não pecar.

Não adianta pedir oração para evitar a falha. É necessário fazer uma escolha. Por isso, a palavra que está sendo semeada deve cair em boa terra. Se cair pelo caminho, o Maligno a roubará e ela não frutificará – não poderá promover transformação e libertação. Quando o Diabo não trabalha para distorcer e confundir a Palavra de Deus, ele procura roubá-la de nós. Por isso é tão importante não permitir que isso aconteça. Se ele consegue ter êxito em seus planos, não veremos as promessas de Deus se cumprirem em nossas vidas; ele nos inutilizará totalmente.

Talvez você não estivesse inclinado a fazer essa leitura por não gostar do teor do assunto que nos chama a uma responsabilidade, mas beleza e formosura não herdarão o Reino dos céus. Porém, obediência e prática, sim.

Então, o que fazer para viver de forma obediente aos preceitos divinos? Como permanecer na Videira? Qual o segredo? Fazer uma atividade legal para a juventude ficar mais firme no Senhor? Em algumas igrejas, se não houver atividades, novas programações e pregadores ou cantores que estão em evidência, os bancos simplesmente se esvaziam.

Alguém pode reclamar: “O pastor só prega sobre este assunto”. Napoleão Falcão, um renomado pregador, quando se converteu passou dois anos pregando no mesmo versículo: “Não sabeis vós que os vossos corpos são santuário de Deus e o Espírito Santo...” Na cadeira do barbeiro, quando ele ouviu essa palavra, recebeu a plenitude do Espírito Santo. Então, toda vez que ele abria a boca para pregar nesse versículo, o Senhor lhe dava uma nova revelação. Não existe nada mais novo do que a Palavra de Deus.

## UMA ARMA PARA OS FORTES

Você quer algo novo em sua vida? Medite nesse livro de dia e de noite como o Senhor falou a Josué: “Seja forte e corajoso, porque você conduzirá esse povo para herdar a terra que prometi sob juramento aos seus antepassados. Somente seja forte e muito corajoso! Tenha o cuidado de obedecer a toda a lei que o meu servo Moisés lhe ordenou; não se desvie dela, nem para a direita nem para a esquerda, para que você seja bem-sucedido por onde quer que andar. Não deixe de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas de dia e de noite, para que você cumpra fielmente tudo o que nele está

escrito. Só então os seus caminhos prosperarão e você será bem-sucedido. Não fui eu que lhe ordenei? Seja forte e corajoso! Não se apavore, nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar” (Josué 1.6-9). Quando o Senhor falou para Josué ser forte e corajoso, não era para derrotar os inimigos, mas para meditar nas Escrituras. Quem não medita na Palavra de Deus não é forte nem corajoso.

Na passagem em que Miriã e Arão criticam Moisés, lemos: “Imediatamente o Senhor disse a Moisés, a Arão e a Miriã: ‘Dirijam-se à Tenda do Encontro, vocês três’. E os três foram para lá. Então o Senhor desceu numa coluna de nuvem e, pondo-se à entrada da Tenda, chamou Arão e Miriã. Os dois vieram à frente, e ele disse: ‘Ouçam as minhas palavras: Quando entre vocês há um profeta do Senhor, a ele me revelo em visões, em sonhos falo com ele. Não é assim, porém, com meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Com ele falo face a face, claramente, e não por enigmas; e ele vê a forma do Senhor. Por que não temeram criticar meu servo Moisés?’” (Números 12.4-8). Moisés tinha intimidade com o Senhor. Você quer ver o Senhor? Quer que as palavras dele estejam em seus lábios? Medite nelas.

Em Mateus 13.21, encontramos aqueles que não permitem o tratamento e as profundas transformações que a Palavra de Deus proporciona: “Todavia, visto que não tem raiz em si mesmo, permanece por pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandona”. Muitos querem ser missionários, porém não abrem mão do pecado. Não oram, não louvam, não adoram, não meditam na Bíblia. Qualquer pessoa que deseja ser um missionário deve ter o mínimo de intimidade com a Palavra. A árvore de raiz rasteira cai com qualquer vento que sopra. Assim acontece com aquele que não tem

raízes na Bíblia; diante de qualquer dificuldade que enfrenta, deixa de ir à igreja e até murmura contra Deus.

Que preço estamos dispostos a pagar para que a Palavra de Deus nos guie e se cumpra em nossa vida? Se alguém quiser ser santo e quiser vencer as astutas ciladas do Diabo, como disse o apóstolo Paulo, precisa saber manejar bem a “espada do Espírito”. O Senhor não nos fez fracos, mas sim homens e mulheres fortes a ponto de dizer “não” para o que nos impede de nos aprofundarmos no conhecimento das Escrituras.

A terra do nosso coração precisa ser como a que está descrita em Mateus 13.23: uma “boa terra”, ou seja, alguém com a alma inclinada a ouvir e compreender a Palavra. Quando isso acontece, vencer a guerra é consequência. Além disso, o resultado será a produção de frutos, pois Jesus disse que um produzirá cem, o outro, sessenta, e o outro, trinta.

Muitos afirmam ter a Palavra, mas na verdade não a aplicam. Por isso estão indo à falência em diversas áreas da vida. Estão perdendo a guerra para o Adversário na família, nos relacionamentos, no trabalho, na vida espiritual. Não há como crescer se a semente da Palavra não for plantada em terra fértil, se os pilares necessários para sustentar a vida não forem erguidos. Não existe prosperidade sem entendimento real e profundo da Palavra de Deus.

## COMO MANEJAR A ARMA

Entretanto, é importante saber que entender a Palavra de Deus não é a mesma coisa que entender a aula de um professor na faculdade. Muitas pessoas conhecem a Bíblia de ponta a ponta, mas não conhecem o seu

Autor – Deus. Para compreender o que está escrito nela, é necessária a presença do Espírito Santo, que nos ensina todas as coisas. Ser ensinado por Ele nos ajudará a aplicar a Palavra a nossas vidas.

Daniel, por exemplo, conseguiu entender a revelação que recebera do Senhor porque leu o profeta Jeremias: “No primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, compreendi pelas Escrituras, conforme a palavra do Senhor dada ao profeta Jeremias, que a desolação de Jerusalém iria durar setenta anos” (Daniel 9.2). Ele leu as Escrituras e descobriu qual seria o tempo da desolação de Jerusalém: 70 anos de cativeiro. O ponto de partida desse entendimento foi a Palavra de Deus, que gera frutos para a eternidade. Muitos perdem o que receberam do Senhor por falta de entendimento. Até a intercessão feita por Daniel foi com base na Palavra.

O profeta simplesmente mudou o rumo da História quando percebeu pelos livros que já era tempo de acabar com a assolação de Jerusalém. Ele passou a orar, jejuar e se humilhar em prol daquele povo (Daniel 10). O problema é que não queremos investir tempo com Deus. Temos tempo para ouvir músicas, falar da vida dos outros, ver televisão, se relacionar pela internet, mas não temos tempo para a Palavra do Senhor. Daniel, durante três semanas, pranteou, chorou e clamou. A geração de hoje está falindo porque justamente não quer ter trabalho para alcançar entendimento do que diz respeito a Deus.

*Somente eu, Daniel, tive a visão; os que me acompanhavam nada viram, mas foram tomados de tanto pavor que fugiram e se esconderam. Assim fiquei sozinho, olhando para aquela grande visão; fiquei sem forças, muito pálido, e quase desfaleci. Então eu*

*o ouvi falando e, ao ouvi-lo, caí prostrado, rosto em terra, e perdi os sentidos. Em seguida, a mão de alguém tocou em mim e me pôs sobre as minhas mãos e os meus joelhos vacilantes. E ele disse: “Daniel, você é muito amado. Preste bem atenção ao que vou lhe falar; levante-se, pois eu fui enviado a você”. Quando ele me disse isso, pus-me em pé, tremendo. E ele prosseguiu: “Não tenha medo. Daniel. Desde o primeiro dia em que você decidiu buscar entendimento e humilhar-se diante do seu Deus, suas palavras foram ouvidas, e eu vim em resposta a elas. Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu durante vinte e um dias. Então Miguel, um dos príncipes supremos, veio em minha ajuda, pois eu fui impedido de continuar ali com os reis da Pérsia. Agora vim explicar-lhe o que acontecerá ao seu povo no futuro, pois a visão se refere a uma época futura.*

Daniel 10.7-14

Daniel teve tal êxito em sua vida porque valorizou a Palavra e se empenhou em buscar ouvir a voz de Deus. A resposta até demorou, 21 dias, mas desde o primeiro dia ele já tinha sido ouvido. Todavia, ele perseverou e o resultado não poderia ter sido diferente: a compreensão espiritual do que recebera do próprio Deus. Ele foi vencedor porque era dedicado à Palavra. Seremos bem-sucedidos na batalha espiritual tal como o profeta? Tudo depende de como manejarmos a grande arma que Deus nos deu para vencê-la: a Bíblia Sagrada.

\* \* \*



## CAPÍTULO 4

# AS ARMAS AUXILIARES DA BATALHA

PR. SILAS BATISTA DE MENEZES

*Entretanto, busquem com dedicação os melhores dons. Passo agora a mostrar-lhes um caminho ainda mais excelente. Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei. Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado se não tiver amor, nada disso me valerá. Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor.*

1 Coríntios 12.31; 13.1-3,13

Da mesma maneira que os demais, este é um capítulo de confronto, pois se queremos de fato entender o conceito bíblico de batalha espiritual, precisamos compreender que a verdadeira guerra espiritual é aquela que travamos contra nossa própria natureza. Não adianta nos concentrarmos no Diabo e não analisarmos algumas questões que são de extrema importância na vida cristã.

Como já foi dito, em nossa caminhada com Cristo deveríamos valorizar muito mais os ensinamentos das Escrituras, pois a Bíblia nos dá orientação para os momentos de combate contra o nosso Adversário. No entanto, nem sempre aplicamos a Palavra de forma correta em nossas vidas. Escolhemos valorizar o que não é prioridade, o que não tem maior importância. Valorizamos as bênçãos materiais em detrimento das espirituais. Valorizamos mais os dons espirituais do que o fruto do Espírito. Reconhecemos o valor dos dons e sabemos que devemos buscá-los. Porém a vida do crente deve ser norteadada por virtudes que farão diferença exatamente quando ele estiver enfrentando a oposição das trevas.

Paulo, um homem de Deus que vivenciou diversas batalhas contra o Inimigo, revela em 1 Coríntios 13.13 um segredo infalível para quem quer vencer qualquer luta espiritual. O apóstolo simplesmente mostra o caminho que todo cristão deve percorrer para ser bem-sucedido diante das forças satânicas: pautar a vida em três pilares importantes: a fé, a esperança e o amor.

A igreja de Corinto, a quem o apóstolo Paulo escreveu essa carta, era uma igreja cheia de dons espirituais, cujo vocabulário utilizado era o “evangeliquês” da atualidade, ou seja, a linguagem do fogo, onde milagres aconteciam, havia profetas e os dons de cura estavam sempre presentes.

Aparentemente, os coríntios entendiam tudo sobre batalha espiritual. Mas era uma igreja enferma, que precisava aprender mais sobre virtudes das quais o cristão não pode se afastar de forma alguma.

Assim como a igreja de Corinto, nós supervalorizamos aquilo que pode ser visto. Os dons muitas vezes são desenvolvidos e passam a ser admirados na vida das pessoas que os possuem. Porém, nem sempre os dons são sinais de que a igreja está ou é uma comunidade saudável. Muito menos de que a igreja está bem guarnecida.

Do ponto de vista humano, se olhássemos para os crentes de Corinto, diríamos que se tratava de fato de homens e mulheres espirituais. Todavia, quando lemos toda a carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, observamos que, apesar de a igreja possuir muitos dons, era uma igreja doente, enferma, dividida. Afinal, uns diziam “eu sou de Paulo”; outros, “e eu de Apolo”; alguns outros, “eu de Cefas”. Os “mais espirituais” diziam: “eu [sou] de Cristo”! Estes eram os piores.

Os dons eram usados naquela ocasião para engrandecimento pessoal. Por essa razão, o apóstolo precisou ensinar que os dons servem para proveito do outro. Sendo assim, se eu utilizo os dons para o meu próprio proveito, e não para benefício do meu irmão, há algo de errado.

Aquelas pessoas, apesar de desenvolverem os dons, eram carnais. Precisavam ser instruídas pelo apóstolo. Por isso, do capítulo 12 ao 14, Paulo discorre sobre os dons. No capítulo 12, ele fala acerca da diversidade de dons e da unidade do Corpo de Cristo. Ele afirma que todos os membros, embora desempenhem funções diferentes, são muito importantes no Corpo, mesmo que alguns considerem outros de menor valor.

No capítulo 13, ele discorre acerca do amor. E, no capítulo 14, continua ensinando sobre os dons, ressaltando o uso correto de cada um deles. É interessante observar que, entre os capítulos 12 e 14, Paulo interrompe sua linha de raciocínio – os dons – para falar sobre o amor. É como se de repente ele desse uma parada antes de retomar o assunto de que vinha falando. Está tratando a respeito dos dons no capítulo 12, mas, quando chega ao 13, faz uma pausa para falar sobre algo mais importante. Por isso, sua forma de encerrar esse texto bíblico não poderia ser outra: “Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor” (v. 13).

Com base na sequência dada pelo apóstolo Paulo, quero partilhar reflexões sobre essas três virtudes – fé, esperança e amor – na vida do cristão. Elas são armas indispensáveis na guerra espiritual e devem fazer parte da essência do crente.

## FÉ

O que é a fé? A fé não é algo simples de descrever nem algo fácil de compreender. O escritor da carta aos Hebreus referiu-se à fé como “a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos” (11.1). E prosseguiu declarando que “sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe” (v. 6). Portanto, podemos afirmar que a fé faz parte da vida do crente em Jesus, porque sem ela não se pode dizer que se é cristão.

Somos crentes porque primeiro Deus gerou em nossos corações a fé inicial para que pudéssemos crer em seu Filho. A fé para salvação não consiste apenas numa crença intelectual em algum credo ou num conjunto de

dogmas religioso. Por mais sincera que seja essa crença, a verdadeira fé existe no espírito. É algo que parte de dentro para fora. Não se restringe somente ao nível intelectual, ao nível da nossa mente. Assim, posso dizer que creio em Deus, acredito nele, mas isso transcende o entendimento humano.

A fé para salvação é gerada pelo Senhor e significa uma entrega total da nossa alma a Ele. Se afirmamos que temos fé em Deus, temos que de fato considerá-lo como Senhor da nossa vida. Tudo o que o nosso “eu” considera de valor devemos entregar-lhe para que Ele preencha com os seus valores. Precisamos nos esvaziar cada dia mais para que o Senhor preencha o nosso ser. Não podemos dizer que temos fé em Deus se queremos ter uma vida independente dele. Só podemos declarar nossa fé quando de fato nos entregamos totalmente a Ele.

E qual é o objeto da nossa fé? O objeto da nossa fé é Deus, Cristo, as promessas que Ele nos fez. Tudo o que o Senhor preparou de antemão para os remidos, nós recebemos pela fé: a salvação, a cura espiritual, a santificação, a regeneração, o crescimento espiritual. E como essa fé se manifesta em nossas vidas? “Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus” (Efésios 2.8). De quem vem a salvação pela graça? De nós? Não. De Deus, para que ninguém se glorie. É a graça do Senhor se manifestando em nossa vida, de modo que, se dizemos que temos fé – se entregamos nossas vidas a Ele – é porque essa fé já se instalou em nossos corações.

Portanto, a fé elimina a autojustificação. Uma vez instalada em nosso ser, produz alegria – uma alegria que não é baseada em circunstâncias, pois pode ser percebida mesmo em meio à dor ou ao sofrimento. A fé, nesses momentos, gera paz. Isso é um fato que não conseguimos explicar.

Certa vez, evangelizei uma pessoa que me perguntou: “Como ter paz num mundo tão turbulento?”. “Não sei explicar”, respondi. “Mas posso dizer que sinto paz e que, se você quiser, também poderá sentir”. Tudo é pela fé. Por isso, o apóstolo disse: “... permanecem a fé, a esperança e o amor”.

Qual é o fim da fé? Em 1 Pedro 1.7-9, está escrito: “Assim acontece para que fique comprovado que a fé que vocês têm, muito mais valiosa do que o ouro que perece, mesmo que refinado pelo fogo, é genuína e resultará em louvor, glória e honra, quando Jesus Cristo for revelado. Mesmo não o tendo visto, vocês o amam; e apesar de não o verem agora, creem nele e exultam com alegria indizível e gloriosa, pois vocês estão alcançando o alvo da sua fé, a salvação das suas almas”.

Se lermos o versículo anterior, “Nisso vocês exultam, ainda que agora, por um pouco de tempo, devam ser entristecidos por todo tipo de provação” (v. 6), perceberemos a afirmação do apóstolo de que haverá provações da nossa fé e um breve momento de tribulação. Ele chama de breve porque não existe fé madura se não for provada no fogo.

Seja cauteloso com a frase: “Ah, Senhor, aumenta a minha fé”. Se você é uma pessoa que continuamente faz esse pedido, saiba que Deus irá acrescentar a sua fé, porém você passará por momentos muito difíceis, porque é assim que a nossa fé cresce.

Depois de termos alcançado essa compreensão, é importante focalizar a outra afirmação de Pedro, a de que a nossa fé, depois de confirmado o seu valor, se tornará muito mais preciosa do que o ouro perecível, e redundará em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo.

Portanto, qual é o fim da nossa fé? A salvação da nossa alma. Por esse motivo, quando não temos fé também não temos salvação. Se apostatamos da fé, demonstramos não ter o que há de mais precioso: a própria fé – a fé para salvação, que nos faz suportar as aflições da vida. Isso porque o Senhor nunca nos prometeu que não teríamos dificuldades. “Pare de sofrer!” é uma mensagem enganosa e desonesta, pois nós conhecemos a realidade da vida e sabemos que enfrentamos dias de turbulência.

Entretanto, quando o Senhor põe fé em nossos corações, sabemos e cremos naquilo que Ele falou: “E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mateus 28.20). É essa fé que gera a nossa salvação, que nos ajuda a suportar as aflições da vida e em nossa vida prática nos leva a fazer o bem às pessoas. Pois a fé sem obras é morta, como disse Tiago.

Certa vez, li uma frase que me chamou a atenção: “A fé é a graça pela qual um homem vê a Cristo”. Como já foi dito, só podemos ir ao Senhor pela fé. O apóstolo Paulo sabia da importância da fé na batalha espiritual travada pelas pessoas, mas ele disse: “... permanecem, pois a fé [e também] a esperança”.

## ESPERANÇA

Quem é a nossa esperança? Quando Paulo escreveu a Timóteo, disse: “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, por ordem de Deus, nosso Salvador, e de Cristo Jesus, a ‘nossa esperança’”. Nossa esperança é o Senhor. Quando perdemos a esperança, perdemos tudo porque só nele podemos esperar. Nesse mundo turbulento, tão cheio de dores e amarguras, onde coisas terríveis acontecem, o que seria de nós se não tivéssemos esperança?

Quando alguém perde a esperança, perde o Senhor. Quando, por exemplo, alguém perde a esperança de ver um parente convertido aos pés do Senhor, está dizendo que não confia mais nele. Se você tem alguém em sua casa que não conhece o Senhor, e, apesar da sua oração, percebe que a vida dessa pessoa vem se tornando cada vez pior, não desista. Se você acreditar que seu parente é um caso perdido, que o Senhor não está ouvindo, você correrá o risco de perder a esperança. Pensar dessa forma é não crer que o Senhor pode salvar, que Ele permanece o mesmo. Além disso, você pode cair no erro de se considerar melhor do que o outro porque o Senhor foi capaz de salvá-lo. Todavia, para o Senhor, não há melhor ou pior. Todos éramos perdidos e o Senhor nos resgatou pela Sua graça e pelo Seu amor.

O que esperar do Senhor, então? A Bíblia diz que dele podemos esperar a paz. Quantos têm a paz no coração? Também podemos esperar a alegria na alma, o descanso e a vida eterna. Nele, contrariando o dito popular, podemos esperar dias melhores. No Senhor, podemos esperar. Sendo assim, o que vamos fazer? Desprezar esse tesouro que temos ou abraçá-lo cada vez mais, orando: “Senhor, jamais quero te perder, jamais quero perder a esperança de viver”?

Quantos não tentaram pôr fim à própria vida porque perderam a esperança? Não acredito que as pessoas que se suicidam queiram morrer. Elas querem viver, mas não sabem como porque não têm mais expectativas na vida. Mas o Senhor continua o mesmo, com Seu poder para ressuscitar mortos e vivificar. Pode ser que você, querido leitor, esteja morto espiritualmente, mas o Senhor afirma que os mortos ouvirão a sua voz. Como? Só a graça de Deus mesmo. Como pode um morto ouvir? Um morto não sente



nada, não ouve nada. Está morto. Os mortos ouvirão, ressuscitarão e reviverão. Esperança.

O escritor aos Hebreus declarou que a esperança é como um refúgio que nos mantém seguros: “Para que, por meio de duas coisas imutáveis nas quais é impossível que Deus minta, sejamos firmemente encorajados, nós, que nos refugiamos nele para tomar posse da esperança a nós proposta. Temos esta esperança como âncora da alma, firme e segura, a qual adentra o santuário interior, por trás do véu” (6.18,19).

A esperança é a âncora da alma. Ela nos mantém firmes neste mundo de turbulência; ela que nos faz perseverar em meio aos ataques do Inimigo. E é a esperança de que um dia tudo será diferente que nos levará a uma realidade gloriosa. Como João escreveu em Apocalipse 21.4-7: “Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou’. Aquele que estava assentado no trono disse: ‘Estou fazendo novas todas as coisas!’ E acrescentou: ‘Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança’. Disse-me ainda: ‘Está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. A quem tiver sede, darei de beber gratuitamente da fonte da água da vida. O vencedor herdará tudo isto, e eu serei seu Deus e ele será meu filho’”. Tudo está feito! Você crê nisso? Tem essa esperança? Glória a Deus! Eu tenho essa esperança.

Vimos que a fé é algo espetacular e a esperança, que se fundamenta na fé, também é maravilhosa. Com ela, podemos ter convicção de que venceremos todas as guerras que enfrentamos contra as forças do Maligno. Porém, Paulo prossegue afirmando que há algo ainda mais

excelente e que se constitui numa poderosa arma: o amor. “... Porém, o maior destes é o amor.”

## AMOR

*Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei. Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me valerá.*

1 Coríntios 13.1-3

Muitos podem não acreditar, mas uma arma poderosíssima contra o Diabo é o amor. Toda vitória espiritual deve ser centrada no amor. Batalha Espiritual se vence com Cristo e Cristo é amor. As pessoas que foram libertas alcançaram a libertação porque Cristo as amou. E assim como elas receberam o Seu amor também precisam receber amor da Igreja. O mundo precisa perceber que o amor do Senhor Jesus está derramado em sua Noiva, que é o conjunto de todos nós que fomos feitos seus filhos pela graça.

Todavia, qual é a nossa motivação no Evangelho do Senhor? Qual é a nossa motivação ao evangelizar? Ao cantar no coral, ao trabalhar em qualquer departamento da igreja? Qual é a nossa motivação de viver? O que está por trás dos nossos atos quando fazemos o bem a alguém? Os três versículos acima falam sobre isso. Mas, antes de entrarmos no assunto,

observe a seguinte orientação de Paulo: “... busquem com dedicação os melhores dons” (1 Coríntios 12.31).

Muitos crentes pentecostais gostam de “fogo”. Para eles, quanto mais barulho, mais significa que o Espírito do Senhor está ali. Porém, o apóstolo deixa claro que não é bem assim. É necessário buscarmos os dons de Deus, mas isso não é tudo.

Houve uma época em que apenas quem manifestasse publicamente os dons espirituais era considerado espiritual. Se falasse com variedade de línguas em público era a pessoa mais espiritual do mundo. Se Deus realizasse uma cura por meio dela, então, era quase um deus. Há muitos anos, conheci “profetas” que eram venerados por irmãos e irmãs que não tomavam nenhuma decisão sem antes consultá-los. O mais interessante é que Deus sempre tinha “algo” para falar por esses “profetas”. Era incrível! Houve até uma “profetisa” cuja casa vivia cheia de gente pela manhã, à tarde e à noite. Obviamente ela tirava proveito disso.

Mas será que isso é de fato espiritualidade? Por que estamos realizando a “obra” da maneira como fazemos? Porque muitos estão fazendo o que é certo pela motivação errada, como se Deus não sondasse os nossos corações. Muitos oram com a motivação errada. Jesus conhecia a intenção dos fariseus. Ele sabia que aqueles homens usavam a desculpa de orar nas casas das viúvas apenas para comer a comida que elas ofereciam. Deus conhecia o coração. Ele sabia que a oração podia ser falsificada, podia ser narcisismo espiritual, sensacionalismo, hipocrisia.

Certa vez, pouco antes do Natal, assisti a uma pregação pela televisão de um desses sacerdotes televisivos. Ele fez a pergunta e ele mesmo respondeu:

“Quer dizer que o senhor não vai comemorar o Natal? Não, eu não vou comemorar o Natal. Como posso comemorar o Natal quando muitos dos meus irmãos estão passando necessidade? Como comemorar o Natal numa mesa farta quando muitos estão sofrendo? Como posso comemorar o Natal...?” E assim prosseguiu, citando uma série de coisas. “Eu vou fazer um jejum em prol da igreja. Vou ficar a pão e água durante doze dias.” Ele passou meia hora (contei no relógio) dizendo que faria um jejum em prol da igreja, que ia ficar “a pão e água”.

Quem de fato deseja jejuar para Deus abençoar a vida de alguém, para ser cheio espiritualmente ou receber a Sua unção, não precisa fazer o que aquele homem fez. O verdadeiro propósito do jejum é esvaziar-se para que Deus encha. Se de fato aquele propósito fosse verdadeiro, ele não precisaria anunciar por meia hora na TV que ia fazer um jejum, subir os montes etc. Além do mais, até hoje ele deveria ficar em jejum, porque tenho certeza absoluta de que na igreja dele ainda há pessoas sofrendo, desempregadas e na miséria.

Então, por que usar a rede de televisão para dizer que vai jejuar? Porque as pessoas o terão como um líder espiritual e desejarão segui-lo. Por isso há muitos crentes em Jesus sendo manipulados por pessoas inescrupulosas. Porém, não é isso que é espiritualidade. Posso fazer uma oração parecer espiritual sem que ela seja. Posso pregar para satisfazer o meu ego ou apenas para aparecer. No entanto, o Senhor conhece o meu coração.

Por qual motivo eu prego? Por qual motivo você faz o que faz? Nos tempos de Paulo, ele disse que alguns pregavam por inveja. Que coisa inacreditável! “É verdade que alguns pregam Cristo por inveja e rivalidade, mas outros

o fazem de boa vontade” (Filipenses 1.15). Mas, como o próprio apóstolo declarou: “Aqueles pregam Cristo por ambição egoísta, sem sinceridade, pensando que me podem causar sofrimento enquanto estou preso. Mas, que importa? O importante é que de qualquer forma, seja por motivos falsos ou verdadeiros, Cristo está sendo pregado, e por isso me alegre. De fato, continuarei a alegrar-me, pois sei que o que me aconteceu resultará em minha libertação, graças às orações de vocês e ao auxílio do Espírito de Jesus Cristo” (v. 17-19).

Se eles pregavam e sua motivação não era saudável, o Senhor era sabedor de tudo. Não que Cristo esteja de acordo com tal intenção, mas Ele julgará todos, inclusive suas obras. O mais importante a saber é que não é o pregador, mas o Espírito Santo, quem convence. Não é a oratória, porque qualquer um pode fazer teatro e ter uma boa retórica. Boas obras e um pouco de carisma têm rendido um bom dividendo para muitas pessoas. Mas isso não é o suficiente.

Os coríntios usavam os dons de línguas para exaltar a si mesmos, mas eram como um sino batendo, que só faz barulho. O som que produziam era como o de duas bacias batendo uma na outra. Não havia melodia, apenas alarde. Devemos, sim, pedir ao Senhor os dons. No entanto, é mais importante pedir que o Senhor nos encha com o seu amor para que possamos fazer o bem às pessoas, porque esse é o verdadeiro objetivo do Cristianismo.

Não posso dizer que amo o Senhor se odeio o meu irmão. É o que aprendemos com o apóstolo João: “Se alguém afirmar: ‘Eu amo a Deus’, mas odiar seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem

vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1 João 4.20). Portanto, mais importante do que desenvolver os dons, é preciso buscar o fruto do Espírito, cuja primeira virtude é o amor.

O Senhor Jesus resume toda a Lei em dois mandamentos: amar a Deus acima de todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo. Marcos ainda afirma em seu Evangelho que “... amar ao próximo como a si mesmo é mais importante do que todos os sacrifícios e ofertas” (12.33). Sendo assim, se sou cristão de verdade, devo amar o próximo. Se de fato me considero seguidor de Cristo, tenho que expressar este amor não só por meio de palavras, mas de atitudes também. Não foi assim que o Senhor Jesus fez? “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3.16).

Sim, Jesus nos amou. Amou alguém como Pedro, que o negara três vezes, e os demais discípulos que, na hora do aperto, o abandonaram. Homens cheios de falhas e defeitos, incrédulos. Apesar disso, Jesus os amou até o fim: “Um pouco antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que havia chegado o tempo em que deixaria este mundo e iria para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (João 13.1).

## CONCLUSÃO

Jesus amou até a cruz. Ele morreu para pudéssemos ter fé, esperança e amor, virtudes que são armas importantíssimas e indispensáveis na batalha espiritual. A começar pelas que surgem dentro de nós.

\* \* \*

## CAPÍTULO 5

# O DEUS DA BATALHA

PR. OSVALDO CHAVES

*Mas o povo estava sedento e reclamou a Moisés: “Por que você nos tirou do Egito? Foi para matar de sede a nós, aos nossos filhos e aos nossos rebanhos?” Então Moisés clamou ao Senhor: “Que farei com este povo? Estão a ponto de apedrejar-me!” Respondeu-lhe o Senhor: “Passe à frente do povo. Leve com você algumas das autoridades de Israel, tenha na mão a vara com a qual você feriu o Nilo e vá adiante. Eu estarei à sua espera no alto da rocha do monte Horebe. Bata na rocha, e dela sairá água para o povo beber”. Assim fez Moisés, à vista das autoridades de Israel. E chamou aquele lugar Massá e Meribá porque ali os israelitas reclamaram e puseram o Senhor à prova, dizendo: “O Senhor está entre nós, ou não?”*

Êxodo 17.3-7

Quando falamos sobre batalha espiritual, é necessário compreender, como já foi dito, que a pior de todas as batalhas é aquela travada dentro de nós mesmos. No Novo Testamento vemos os cristãos de Corinto, cuja visão a respeito do Senhor estava obscurecida e precisava ser clareada à luz da Palavra. Já no Antigo Testamento percebemos claramente que, assim como os cristãos de Corinto precisavam de fato conhecer a Deus, o povo de Israel também necessitava descobrir que mais importante do que receber as bênçãos de Deus é ter a sua presença. A maneira como enxergamos o Senhor faz toda a diferença quando enfrentamos lutas espirituais, principalmente quando temos que lutar contra os falsos deuses do Egito que insistem em permanecer dentro de nós.

Por que isso é importante? Pois nem sempre a batalha espiritual que teremos de travar será contra um espírito maligno, mas contra nossa vaidade, nossa falta de conhecimento de Deus, nossa desobediência.

## DEUS ESTÁ ENTRE NÓS?

Israel foi tirado do Egito por meio de sinais fantásticos e intervenções extraordinárias da parte do Senhor. As dez pragas desafiaram todos os deuses do Egito e os humilharam. A travessia pelo meio do mar a pés enxutos e o afogamento de todo o poderoso exército de faraó demonstrou que não há deus como o Deus de Israel. O maná, que caiu do céu para suprir a necessidade imediata de alimento, e a preservação de suas roupas e calçados revelaram a provisão fiel de Deus Pai. O próprio Moisés chama a atenção do povo para a singularidade daquele Senhor e do seu cuidado para com eles: “Pois, que grande nação tem



um Deus tão próximo como o Senhor, o nosso Deus, sempre que o invocamos?” (Deuteronômio 4.7).

No entanto, havia um grande risco por trás de toda essa sucessão de eventos poderosos. Israel poderia vir a crer num deus menor. Seu foco poderia ser posto apenas no poder, e não também na palavra fiel desse Deus. Sua fé poderia se prender apenas à crença de que suas necessidades imediatas seriam todas supridas oportunamente e que sua experiência com o Senhor se resumiria a isso. Foi exatamente o que aconteceu.

Tão logo o povo começou a experimentar as primeiras dificuldades no deserto – e certamente não é fácil viver no deserto –, passou a expressar seu descontentamento, a ponto de sentir falta do Egito, do tempo em que eles eram escravos. Se cressem na promessa fiel de um Deus que, muito mais do que fazer chover maná e carne, desejava transformá-los de dentro para fora, eles saberiam que no final seriam conduzidos à boa terra – com uma nova compreensão da vida. Se fossem capazes de entender os sinais maravilhosos como um meio para um fim bem mais importante, permaneceriam firmes em meio às provações.

Porém, eles só podiam crer no poder demonstrado em feitos extraordinários. Quando faltava aquele poder, simplesmente viravam as costas e olhavam saudosamente para o passado. A falta da manifestação de poder fazia-os duvidar até mesmo da mais preciosa promessa do Senhor – a de que Sua presença estaria sempre com eles: “O Senhor está entre nós, ou não?” (Êxodo 17.7). Não devemos ser tão apressados em julgar tal comportamento, pois o que aconteceu naquela época com o povo escolhido por Deus se repete aqui e agora, muitas vezes, conosco. Com a

experiência de Israel na jornada pelo deserto, aprendemos valiosas lições para nossa própria caminhada.

## ACUSAÇÕES E SUSPEITAS

Quando cremos somente no poder revelado nos milagres e sinais, não somos capazes de sobreviver às contrariedades. Nosso culto não é dirigido a Deus, mas ao seu poder; aos milagres e sinais. O maior problema com o culto ao poder é que ele precisa sempre de uma nova demonstração para se manter ativo. Aqui surge um problema: Deus não tem compromisso com esse culto. Ele não se disporá a oferecer um show todas as vezes em que nós nos sentirmos desmotivados. Se o nosso entendimento sobre Ele não estiver claro, passaremos todo o tempo de escassez e luta acusando Deus ou os outros.

Tão logo saiu do Egito, “toda a comunidade de Israel reclamou a Moisés e Arão. Disseram-lhes os israelitas: ‘Quem dera a mão do Senhor nos tivesse matado no Egito! Lá nos sentávamos ao redor das panelas de carne e comíamos pão à vontade, mas vocês nos trouxeram a este deserto para fazer morrer de fome toda esta multidão!’” (Êxodo 16.2,3). Os 430 anos no Egito levaram aquele povo a confiar apenas no poder. Faraó dominava por meio da demonstração de força. A dupla investidura do rei/deus – pretensão dos governantes daquela época – confundia a mente do povo. Israel queria um deus que se empenhasse na exibição de um poder confiável, que lhe desse segurança e desafiasse o faraó. A grande preocupação em seus corações se voltava para o atendimento das necessidades imediatas. Nas palavras de Paulo: “...seu deus é o estômago e eles têm orgulho do que é vergonhoso; só pensam nas coisas terrenas” (Filipenses 3.19b).

Em circunstâncias adversas, em vez de descansarmos na fidelidade de Deus, de tentarmos entender o propósito maior que Ele tem naquela situação – Ele sempre tem um propósito –, suspeitamos do Senhor e não conseguimos nos contentar com a provisão do pão (maná) de cada dia: “Ninguém deve guardar nada para a manhã seguinte”, ordenou-lhes Moisés. Todavia, alguns deles não deram atenção a Moisés e guardaram um pouco até a manhã seguinte, mas aquilo criou bicho e começou a cheirar mal. Por isso Moisés irou-se contra eles” (Êxodo 16.19,20). Até mesmo a bênção que vem de Deus para suprir nossas necessidades pode tomar outra forma – degradante, perversa – quando passamos a confiar nela e a atribuir-lhe mais importância do que ao Deus que fez a provisão.

Ainda assim o Senhor permanece fiel: “Como um pai tem compaixão de seus filhos, assim o Senhor tem compaixão dos que o temem; pois ele sabe do que somos formados; lembra-se de que somos pó” (Salmos 103.13,14). A fidelidade é um dos atributos do caráter de Deus, por isso Ele jamais será infiel. O Senhor sabe muito bem do que somos feitos. Por essa razão, mesmo diante da nossa ingratidão, Ele nos sustenta, pois se nos deixar por nossa própria conta, certamente pereceremos. Então, seu cuidado para conosco nada tem a ver com a questão de mérito.

O salmista Asafe trata com riqueza de detalhes essa relação de rebeldia *versus* graça entre o povo no deserto e o Senhor Deus: “Mas contra ele continuaram a pecar, revoltando-se no deserto contra o Altíssimo. Deliberadamente puseram Deus à prova, exigindo o que desejavam comer. Duvidaram de Deus, dizendo: ‘Poderá Deus preparar uma mesa no deserto?’ (...) Com a boca o adulavam, com a língua o enganavam; o coração deles não era sincero; não foram fiéis à sua aliança. Contudo, ele

foi misericordioso; perdoou-lhes as maldades e não os destruiu. Vez após vez conteve a sua ira, sem despertá-la totalmente” (Salmos 78.17-19; 36-38). Asafe tinha clara percepção da graça extrema desse Deus que faz tudo unicamente para a sua glória e por amor ao seu nome (Salmos 79.9).

## A TRANSGRESSÃO DO PRIMEIRO MANDAMENTO

O povo ainda voltaria a murmurar muitas vezes. Mas essa postura não surpreenderia o Senhor, pois Ele sabia perfeitamente o que estava em seus corações. Como vimos acima, Israel fazia confissão verbal, mas seu coração não era sincero. Havia muitos deuses estranhos povoando suas mentes (32.1). A verdadeira conversão – deles e nossa – é um processo longo e constante. Muitos símbolos precisam ser abandonados; muitos pactos, quebrados; muitos valores, revistos. Essa mudança não pode ocorrer em uma noite, ou em apenas um evento. Aqui se encontra o valor do verdadeiro discipulado, do trabalho lento e constante, da gestação de Cristo em nosso interior (Gálatas 4.19).

Somos pródigos em produzir deuses que se amoldem às nossas vaidades e desejos. Em vez de almejarmos ter o caráter de Deus, optamos por fazer deuses adequados à nossa vil humanidade – não é sem razão que os deuses gregos são famosos por revelar características essencialmente humanas; são deuses feitos segundo o coração do homem. Mesmo quando não fabricamos deuses em madeira ou barro, nós os concebemos em nossas mentes. Assim como na constatação de Paulo em Atenas (Atos 17), descobrimos em nós mesmos uma religiosidade latente, porém sofremos da pretensão de adorar a um Deus que não conhecemos. Nesse caso, eoa

o apelo do profeta Oséias: “Conheçamos o Senhor; esforcemo-nos por conhecê-lo” (Oséias 6.3). Mais que todos os nossos esforços por realizar tarefas ou oferecer sacrifícios, o Senhor deseja que tenhamos empenho em conhecê-lo (Oséias 6.6; Miquéias 6.7,8).

Por tudo isso se fez extremamente necessária e relevante a dramática exortação de Josué na assembléia de Siquém, muitos anos mais tarde: “Agora temam ao Senhor e sirvam-no com integridade e fidelidade. Joguem fora os deuses que os seus antepassados adoraram além do Eufrates e no Egito, e sirvam ao Senhor” (Josué 24.14). Josué sabia muito bem o que estava fazendo. Às portas da Terra da Promessa, não faria sentido arrastar para dentro de uma nova vida aquele povo com os seus velhos pecados e vícios. Ele foi capaz de compreender que é relativamente simples retirar os deuses do altar e lançá-los fora, mas não é tão simples tirá-los do coração. Esse conceito se estende por toda a Escritura e é traduzido nos escritos de Paulo nos seguintes termos: “Despir-se do velho homem” e “revestir-se do novo, criado para ser semelhante a Deus” (Efésios 4.22-24).

## O PROCESSO DE PURIFICAÇÃO DO DESERTO

Dessa forma, entendemos por que o deserto é parte de um processo terapêutico utilizado por Deus; funciona como um depurador da fé. É ali que se aprende a crer não apenas no Deus de poder que realiza sinais e maravilhas, mas no Deus cuja aliança com Seu povo exige que Ele tome a frente e seja o Bom Pastor. É o que diz o testemunho do próprio Deus: “Lembrem-se de como o Senhor, o seu Deus, os conduziu por todo o caminho do deserto, durante estes quarenta anos, para humilhá-los e pô-los a prova, a fim de conhecer suas intenções, se iriam obedecer aos seus mandamentos ou não. Assim, ele

os humilhou e os deixou passar fome. Mas depois os sustentou com maná, que nem vocês, nem os seus antepassados conheciam, para mostrar-lhes que nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca do Senhor” (Deuteronômio 8.2,3). A verdadeira questão aqui é a aliança de Deus com o povo. A obediência aos mandamentos é a condição fundamental para a participação nos benefícios daquela aliança. A provisão, os recursos e os milagres são apenas parte das ações salvíficas do grande “Eu Sou”.

O deserto é lugar de purificação; ali toda vaidade é trazida à tona e o coração é tratado. É nele que enfrentamos o nosso maior adversário na batalha espiritual: nós mesmos. Nossas intenções e pretensões são redirecionadas ou até mesmo substituídas por outras que sirvam ao propósito de Deus. Foi assim que o Senhor Jesus se tornou aprovado. À semelhança de Israel, Ele também foi levado pelo Espírito ao deserto (Mateus 4.1). Ali, entrou em contato com o mesmo dilema daquele povo: servir a Deus ou a si mesmo? Satisfazer a vontade do Pai ou saciar a fome de pão? Amar a Deus acima de todas as coisas ou criar deuses mentais que venham a se adequar ao limite da sua humanidade? Ele escolheu ser fiel à vontade do Pai e assim sobreviveu ao deserto (Mateus 4.2-11). Não há outro meio de atravessar para além do Jordão e entrar na Promessa a não ser pelo deserto: “E aquele que não carrega sua cruz e não me segue não pode ser meu discípulo” (Lucas 14.27). Nele, ou escolhemos o caminho da fidelidade a Deus e sobrevivemos ou tombamos ante a fragilidade do que somos.

## OS QUE CAÍRAM NO DESERTO

Mesmo que, em princípio, o povo tenha estado tão perto da verdade sobre Deus, com o tempo acabou se afastando cada vez mais. A poucos

dias da Terra Prometida, sua falta de fé revelou quão longe estavam de Javé. No episódio dos doze espias (Números 13), no retorno da missão de reconhecimento, dez homens trouxeram um relato desolador. Descreveram a si mesmos como “gafanhotos” diante dos gigantes da terra de Canaã. Essa autoimagem tão depreciativa mostra uma total falta de maturidade espiritual. Por outro lado, dois deles, Josué e Calebe, expressaram a verdadeira fé no verdadeiro Deus – eles reconheceram o tamanho do desafio, mas demonstraram total confiança em si mesmos e no seu Deus. Eles não tinham fé na fé, mas confiavam na palavra do Deus que fez a promessa – eles foram fiéis à aliança. O problema é que o povo se deixou levar pela maioria e em uníssono chorou, rendendo-se ao medo e à incredulidade. Aqui não se trata de ter muita ou pouca fé, mas apenas de confiar ou não na promessa.

Uma sentença pesada veio da parte do Senhor: “No entanto, juro pela glória do Senhor que enche toda a terra, que nenhum dos que viram a minha glória e os sinais miraculosos que realizei no Egito e no deserto, e me puseram à prova e me desobedeceram dez vezes – nenhum deles chegará a ver a terra que prometi com juramento aos seus antepassados. Ninguém que me tratou com desprezo a verá. (...) Nenhum de vocês entrará na terra que, com mão levantada, jurei dar-lhes para sua habitação, exceto Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num” (Números 14.21-23,30).

Ao falar sobre o perigo da incredulidade, o autor aos Hebreus evoca esse momento crítico do povo no deserto (Hebreus 3.7ss). Sua análise daqueles fatos ajuda-nos a entender o que se passou com aquele povo. Ele fala do “coração perverso e incrédulo” que nos afasta do Deus vivo (3.12); o deus que eles conheciam não era o Deus vivo. Também fala da importância de

nos apegarmos “até o fim à confiança que tivemos no princípio” (3.14). A caminhada pelo deserto é longa, assim como a caminhada da vida – não basta ser fiel até certo ponto, mas é preciso ir até o fim. Nesse ponto, o mesmo autor tem uma palavra ainda mais forte: “Pois as boas novas foram pregadas também a nós, tanto quanto a eles; mas a mensagem que eles ouviram de nada lhes valeu, pois não foi acompanhada de fé por aqueles que a ouviram” (4.2). Aqui está a questão central da sentença divina: apesar de terem visto tudo o que o poder de Deus realizou, a palavra que lhes foi anunciada não foi seguida de fé para a salvação.

Todos esses, contra os quais Deus esteve irado por quarenta anos, caíram no deserto (Hebreus 3.17). Nada lhes faltou. Foram eles que atravessaram o mar a pés enxutos; que beberam água da rocha; que viram a glória do Senhor. É curioso perceber que os que caem geralmente são aqueles a quem nada falta, desde Adão. Por isso, Hebreus adverte: “Portanto, esforcemo-nos por entrar nesse descanso, para que ninguém venha a cair, seguindo aquele exemplo de desobediência” (4.11). Essa insatisfação que leva à queda só pode ser domada por meio da disciplina de uma vida que se volta para Deus, dia a dia. O maná de hoje não serve para o amanhã. A cada dia precisamos sair ao campo para colher uma nova porção de graça e sustento da parte do Senhor. Até que um dia o veremos como Ele é, conheceremos como somos conhecidos, nunca mais sentiremos qualquer necessidade e seremos completamente satisfeitos.

A verdadeira fé é aquela que se sustenta, sobretudo, na esperança e no conhecimento da promessa e na obediência à Palavra.

Assim se faz a verdadeira fé; ela é muito mais do que uma crença. É um tipo de conhecimento ou interpretação da verdadeira finalidade da vida, que é



servir aos propósitos de um Deus de amor que tudo fez para a sua glória. Pedro é incisivo na definição do sentido pleno da fé: a salvação das nossas almas (1 Pedro 1.9). Foi para isso que Jesus Cristo se revelou: sua missão consiste em apresentar diante de si mesmo uma igreja pura, gloriosa, sem mancha nem ruga, mas santa e irrepreensível (Efésios 5.25-27). Cabe a cada cristão esquadrihar as Escrituras em busca do entendimento dos termos dessa aliança e viver por eles.

Por essa razão, Abraão é tido como paradigma da fé. Mesmo diante da possibilidade real de perder o que lhe era mais precioso, ele creu que a promessa feita a ele seria realizada – cumpriu-se em Abraão a máxima de Anselmo:<sup>13</sup> “Crer para compreender; a fé em busca de entendimento”. O propósito maior é agradar aquele que fez a promessa. Por esse motivo aquele crente subiu o monte Moriá com a decisão firme de obedecer a Deus, ainda que o seu coração sangrasse dentro do peito. “Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus” (1 Coríntios 10.31). Essa fé sustentou o Filho de Deus em suas maiores provas (Mateus 4.1-4). Pode parecer estranho pensar que Jesus precisou de fé, mas o fato é que Ele não só precisou como expressou sua fé muitas vezes: “Durante seus dias de vida na terra, Jesus ofereceu orações e súplicas, em alta voz e com lágrimas, àquele que o podia salvar da morte, sendo ouvido por causa da sua reverente submissão. Embora sendo Filho, ele aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu” (Hebreus 5.7,8). Pode-se perceber isso em sua agonia no Getsêmani: “Meu Pai, se for possível afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres” (Mateus 26.39).

.....  
13 Anselmo de Cantuária viveu entre 1033 e 1109 na Europa. Foi um teólogo e filósofo muito influente em seu tempo, formulando conceitos que buscavam conciliar a fé e a razão.

Paulo também se apegou à fé na vontade soberana de Deus para suportar as várias situações-limite por que passou: “Mas temos esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós. De todos os lados somos pressionados, mas não desanimados; ficamos perplexos, mas não desesperados; somos perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não destruídos” (2 Coríntios 4.7-9). O que sustentava esse homem em meio a tanta contrariedade? A esperança na fidelidade daquele que fez a promessa. Para Paulo, só há verdadeira vida em Cristo, e a própria morte torna-se lucro, cumprindo-se o propósito de Deus (Filipenses 1.20,21).

Pedro expressa claramente qual é a função do poder de Deus manifestado na vida dos seus filhos: “Seu divino poder nos deu tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude” (2 Pedro 1.3). Ao refletirmos cuidadosamente nesse único versículo, perceberemos que:

*a) Pelo seu poder, Deus nos dá tudo de que necessitamos – não tudo o que queremos – e isso deve nos encher de paz e confiança;*

*b) Ele nos dá para que pratiquemos uma vida piedosa – há uma finalidade bem clara na liberação do seu poder e provisão;*

*c) Essa prática deve ter como base/meta o pleno conhecimento da pessoa de Jesus.*

Então, o que Deus faz tem a finalidade de revelar o que Deus é. Tudo o que Ele criou e cria tem como propósito final a exaltação da sua glória.

## TUDO PARA A GLÓRIA DE DEUS

Semelhantemente ao povo de Deus no passado, em muitos momentos nós adulamos o Senhor com a boca, “enganamos” com a língua, mas o nosso coração não é sincero. Não somos fiéis à sua aliança. O que dizemos sobre Deus nem sempre reflete algo sobre Ele, de fato. Quando lemos em um adesivo: “Deus é fiel”, na maioria dos casos essa declaração nada tem a ver com Deus. Só estamos dizendo que conseguimos obter aquele bem em que colamos o tal adesivo e estamos felizes por isso. Na verdade, dizer que Deus é fiel não pode ser uma atitude associada ou condicionada à suposta prova dessa fidelidade. Deus é fiel porque a fidelidade faz parte do seu caráter, faz parte do seu ser. Ele permanecerá fiel, mesmo quando eu não conseguir obter aquilo que desejo – foi assim com o seu Filho amado.

No entanto, se a nossa fé só pode se sustentar ante a manifestação do seu poder, ela corre o risco de morrer nesse deserto sem que possamos conhecer o verdadeiro Deus. Assim como a mulher de Jó, reduziremos Deus ao tamanho das circunstâncias de tempo e espaço. Para o bem da nossa fé, da verdadeira fé no verdadeiro Deus, Jó conseguiu discernir como poucos a verdade sobre Deus e o tipo de relacionamento que o Todo-Poderoso tem com os homens: “Aceitaremos o bem dado por Deus, e não o mal?” (Jó 2.10); e ainda: “Embora ele me mate, ainda assim esperarei nele” (Jó 13.15a).

O compromisso do Deus revelado nas Sagradas Escrituras é em primeiro lugar com a sua glória e com o louvor do seu nome. Nas palavras de John Piper: “Deus é a pessoa mais teocêntrica do universo”.<sup>14</sup> Infelizmente, temos

.....  
14 PIPER, John. *Irmãos Nós Não Somos Profissionais*. Shedd Publicações: São Paulo 2009; p. 20.

sido bombardeados por uma pregação antropocêntrica, na qual Deus, ou melhor, o que supomos ser Deus, tem obrigações para conosco. Afinal, nós o aceitamos e, assim, o entendemos equivocadamente, Ele teria assumido tais obrigações. Dessa maneira, o homem está no centro, ele é merecedor.

O fato é que esse delírio provocado pela liberdade da qual desfrutamos fez-nos esquecer a pregação primitiva: “Meus irmãos, quero que saibam que mediante Jesus lhes é proclamado o perdão dos pecados. Por meio dele, todo aquele que crê é justificado de todas as coisas das quais não podiam ser justificados pela Lei de Moisés” (Atos 13.38,39). Toda a arrogância e a prepotência da religiosidade judaica se baseavam na incompreensão desse fato. Então, construíram um edifício religioso com base num sistema meritório, pela observância externa dos termos da lei mosaica. Mas seus corações continuavam conservando os mesmos velhos hábitos da vida na impiedade. Nas palavras de Jesus, em Lucas 11.39: “Vocês, fariseus, limpam o exterior do copo e do prato, mas interiormente estão cheios de ganância e de maldade”. Os judeus não aceitavam a graça, porque viver a graça de Jesus impõe a inversão do processo que eles viviam.

É preciso limpar o interior do prato e viver o dia a dia confiando apenas na graça, praticando a justiça e a verdade. Com base nisso, o discípulo de Jesus entende que:

*a) Ele não merece nada do que recebe – e tudo o que ele é e possui vem de Deus: “Tudo vem de ti e nós apenas te demos do que vem das tuas mãos” (1 Crônicas 29.14b);*

*b) por receber tanto de Deus sem nada merecer, a única atitude sensata do discípulo é servir a Jesus bem enquanto viver, seguindo*

*o exemplo do apóstolo Paulo: “... nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou” (Atos 20.24). Não se trata de expressar gratidão – não no sentido de tentar cobrir a medida do bem recebido das mãos de Deus mediante o serviço a Ele – mas “gratuidade”, pela doação da vida em resposta ao amor extremo derramado em nossos corações.*

Talvez seja o caso de recuperar a compreensão primitiva da provisoriedade dessa vida; assumir o custo da decisão de não vivê-la como um fim em si mesmo, de não amar a criatura acima do Criador.

O cerne da mensagem cristã é a glória de Deus. Por toda a Bíblia, desde o Antigo Testamento, encontramos marcas profundas dessa mensagem. Nos livros da lei: “(...) eu serei glorificado por meio do faraó e de todo o seu exército (...)” (Êxodo 14.4b); nas palavras dos profetas: “Por amor do meu próprio nome eu adio a minha ira; por amor do meu louvor eu a contive, para que você não fosse eliminado” (Isaías 48.9); “Embora os nossos pecados nos acusem, age por amor do teu nome, ó Senhor!” (Jeremias 14.7ab); nos salmos: “Ajuda-nos, ó Deus, nosso Salvador, para a glória do teu nome;” (Sl 79,9a); “Não a nós, Senhor, nenhuma glória para nós, mas sim ao teu nome, por teu amor e por tua fidelidade” (Salmos 115.1). Não temos dificuldade em aceitar a graça. O nosso problema é permanecer na graça. Essa era a recomendação de Paulo aos irmãos de Antioquia (Atos 13.43) – continuem na graça. Ele tinha plena consciência de que o cristão deve ter como alvo a glória de Deus em tudo o que faz (1 Coríntios 10.31), pois a finalidade de tudo o que a Escritura revela é que Deus seja TUDO em todos (1 Coríntios 15.28).

A aliança de Jesus com os seus discípulos está fundamentada numa clara noção de serviço. Nos seus últimos momentos com eles, naquela hora em que Ele só podia pensar em algo que fosse absolutamente essencial, sua escolha foi convidá-los para uma última refeição. Após aquele momento tão singularmente especial, os discípulos passaram a disputar entre si qual deles seria o maior – isso é o que somos nós. Diante disso, Jesus tomou uma bacia com água, uma toalha, e passou a lavar-lhes os pés – isso é o que precisamos ser (cf. Lucas 22; João 13). Ao propor a série de parábolas das “coisas perdidas” (Lucas 15), Jesus deixa uma clara lição da correta relação do pecador com a graça recebida. É preciso perder tudo, vender tudo, desamar a tudo e correr para os braços do Pai.

## O VERDADEIRO DEUS REVELADO EM CRISTO

Jesus falou à mulher samaritana sobre os verdadeiros adoradores e o verdadeiro culto (João 4), o que pressupõe uma falsa adoração e um falso culto. Falou também aos judeus que o perseguiram, mostrando-lhes a incoerência da sua religiosidade: “Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito; contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida” (João 5.39,40). Essa declaração de Jesus é de grande importância, pois deixa claro que é possível que alguém examine e “estude cuidadosamente” as Escrituras e nelas encontre algo bem diverso daquilo que Ele veio revelar. E mais, mostra que o estudo da Bíblia por si só pode não levar a Cristo. Em ambos os casos, Jesus procura alertar para o perigo da devoção a um deus desconhecido. Isso fica ainda mais evidente na declaração de João 8.19: “Vocês não conhecem nem a mim, nem a meu Pai”. Só Jesus pode revelar o verdadeiro Deus, pois Ele é

o verdadeiro Deus e a vida eterna (1 João 5.20); “Quem me vê, vê o Pai” (João 14.9). Então, qualquer aproximação das Escrituras em busca do verdadeiro Deus deve ser feita em humildade de espírito e livre de preconceitos, em inteira rendição a Jesus Cristo, sem “mas”.

Paulo dedica boa parte de seus escritos a demonstrar qual é o Cristo que ele anuncia (1 Coríntios 1.23; 2.2; Romanos 5.8; Gálatas 3.1; 6.14; Colossenses 1.20; 2.4). Sua mensagem mostra que a Cruz é o centro da mensagem cristã. Mas o Cristo crucificado é escândalo para os judeus e loucura para os gentios, pois estes buscavam o deus da sabedoria e aqueles o deus dos sinais e milagres – herança da geração que caiu no deserto.

O fundamento pode ser o correto, mas a edificação sobre ele precisa preservar a correção (1 Coríntios 3.10-15). Os gálatas começaram a carreira de modo correto, mas aos poucos se deixaram desviar da retidão (Gálatas 3.1ss). É plausível deduzir que a Igreja primitiva ainda oscilava entre o verdadeiro Deus e o falso e que a causa disso era o entendimento equivocado da verdade do Evangelho. Então, mesmo sendo grato pelo simples fato de os irmãos demonstrarem fé e amor ao Senhor Jesus, Paulo orava por eles para que entendessem qual era a esperança à qual foram chamados (Efésios 1.15-19). A teologia paulina é pontilhada pela esperança. Não se trata de otimismo em relação às coisas terrenas, mas de confiança e certeza na consumação da obra que Deus, um dia, começou em cada um de nós (Romanos 8.18-27; Filipenses 1.6).<sup>15</sup>

A primeira vez que li as palavras de 1 Coríntios 11, fui tomado de pânico. Nesse trecho das Sagradas Escrituras, pude ver que é perfeitamente possível

.....  
<sup>15</sup> Saiba mais em ZÁGARI, Maurício, *A Verdadeira Vitória do Cristão*. Rio de Janeiro: Anno Domini, 2012.

nos reunirmos como Igreja, em nome de Deus, tendo o mobiliário disposto corretamente, a Palavra de Deus nas mãos, os sacramentos diante de nós, o “povo de Deus” no mesmo lugar e, ainda assim, não termos um culto verdadeiro. E mais: é possível que, nesse caso, o culto nos faça mais mal do que bem (1 Coríntios 11.17). Paulo usa palavras pontiagudas e que fazem perceber que precisamos nos dispor constantemente ao autoexame quanto à validade da nossa fé e conseqüentemente do nosso culto: “Quando vocês se reúnem [para participar da ceia], não é para comer a ceia do Senhor”; “Examine-se cada um a si mesmo, e então coma do pão e beba do cálice. Pois quem come e bebe sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe para sua própria condenação” (1 Coríntios 11.20,28,29).

Então, cooperando com a palavra de Jesus à samaritana, é possível que venhamos a oferecer um falso culto, provocado por uma falsa ideia de Deus e de sua obra. Isso me faz tremer. Antes de Jesus vir ao mundo e antes dos ensinamentos de Paulo, Isaías já alertava o povo de Deus sobre o falso e o verdadeiro culto. O profeta denunciou que não havia prazer em Deus pelo culto que o povo oferecia, pelo contrário, Ele expressava repugnância (Isaías 1.11-13). Se o alvo for a glorificação do verdadeiro Deus, o culto a Ele precisa ser feito em conformidade com a prática da justiça (Isaías 58).

## LANÇANDO FORA OS FALSOS DEUSES

Como restaurar o verdadeiro culto? A primeira coisa a fazer é retomar o conceito bíblico do verdadeiro Deus. Vivemos um tempo em que grande parte das pessoas que frequenta a igreja só conhece o Senhor de ouvir falar – da mesma forma que Jó, antes da sua experiência transformadora no deserto. Conseqüentemente, essas pessoas não experimentam a necessária



devoção que precede o culto. De fato, precisamos retomar a compreensão sobre a nossa relação com Deus típica do primeiro amor. O chamado do Senhor ao homem é para que, uma vez liberto, o seu caminho seja conduzido por Deus. O Senhor não quer ser apenas aquele que “abençoa” – não no sentido triunfalista onde a palavra “bens” virou sinônimo de bênção – mas quer, principalmente, ser o Guia do caminho dos seus filhos. É para isso que Ele nos liberta; para que possamos tomar a decisão livre de lhe rendermos inteiramente nossas vidas.

Antes de conhecermos o Senhor, vivíamos guiados por desejos e paixões egoístas que nos levavam à obediência ao curso desse mundo. Nesse estado, a Bíblia diz que estávamos mortos (Efésios 2.1-3). Aqui há um diálogo que precisa ser considerado constantemente: se vivermos para o pecado, morremos para Deus; se vivermos para Deus, morremos para o pecado. É por isso que, muitas vezes, o Senhor permite que as lutas venham, pois por meio delas o Pai nos leva de volta à obediência e à retidão, o que possivelmente redundará em bênção (Salmos 119.67): “Antes de ser castigado, eu andava desviado, mas agora obedeço à tua palavra”.

É necessário lançar fora os falsos deuses aos quais servíamos antes de conhecer o Senhor Jesus. Ninguém pode ver o Reino sem nascer de novo, mas o novo nascimento é apenas o início de uma longa jornada que só pode ser levada a efeito com muita seriedade e disciplina. O homem natural não nasce nem um pouco disposto a seguir a vontade do Senhor. A nossa herança original é a natureza de Adão – arrogante e desobediente. Os salmistas sabiam que o caminho do Senhor precisa ser aprendido: “Ensina-me o teu caminho, Senhor, para que eu ande na tua verdade; dá-me um coração inteiramente fiel, para que eu tema o teu nome” (Salmos

86.11). Também sabiam que a iluminação desse caminho vem da Palavra de Deus (Salmos 119.105). Quando aprendemos o caminho e passamos a andar por ele, então Deus deixa de ser apenas uma ideia nebulosa em nossas mentes para ser o verdadeiro Senhor.

## CONCLUSÃO

Precisamos buscar ajuda em Deus para abrir mão de toda ideia distorcida que temos a seu respeito. Tal postura nos levará a abandonar os falsos deuses que formulamos em nossas mentes por causa da nossa vaidade. Sendo assim, as necessidades cotidianas não determinarão a nossa fé nele, pois sabemos que não estamos em condições de exigir nada, pois tudo de melhor que o Senhor poderia nos dar, Ele já nos deu. Então, ficaremos livres de todo jugo e viveremos contentes com o que Ele faz e confiantes na sua provisão, agora e no futuro. E, assim, saberemos com certeza que o Deus dos Exércitos sempre estará ao nosso lado na hora em que formos enfrentar toda e qualquer batalha espiritual.

\* \* \*

# CONCLUSÃO

Sim, nossa luta não é contra o sangue e a carne, mas contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Sim, Satanás e seus demônios militam contra nós. E sim, estamos em guerra espiritual. Mas não podemos parar aí. Temos que saber também que sim, Deus é muito mais poderoso que Satanás. Sim, o maior campo de batalha espiritual, onde o Adversário lança seu mais intenso bombardeio, é a nossa mente. Sim, a Palavra de Deus é nossa maior arma nessa luta, junto com a fé, a esperança e o amor. E sim, Cristo tem sempre que ser o foco da nossa vida, das nossas preocupações e de nossos cultos, e não as hostes espirituais da maldade.

Vivemos num mundo tenebroso e em dias sombrios. Mas não apenas porque há demônios entre nós ou porque o Diabo anda ao nosso redor buscando a quem possa tragar. As trevas e sombras que recaem sobre a Igreja de Jesus Cristo têm origem em grande parte dentro das nossas próprias congregações. Pois muitos de nós têm devotado muito mais atenção aos demônios do que a Cristo.

Ou seja: trocamos o prato principal pela sobremesa. Trocamos o primário pelo secundário. Trouxemos para o epicentro da nossa vida de fé algo que deveria estar na periferia. Jesus não dava conversa para demônios. Sua metodologia consistia simplesmente em “Cala-te e sai”. Mas só isso não dá ibope, não sustenta um “ministério”, não gera congressos, não atrai pessoas amedrontadas, não cria shows de TV. O que desperta a

mórbida curiosidade dos temerosos e desinformados adeptos dos ensinamentos atuais de “batalha espiritual” – com técnicas, mapeamentos, hierarquias, nomes e mil outras informações fornecidas por supostos ex-satanistas, por demônios mentirosos que se manifestam em exorcismos ou por pessoas que tiveram “revelações” – são esses seres do mal, que passaram a ditar as ações de suas vidas de fé.

Os adeptos dessa corrente de “batalha espiritual” repreendem mais os demônios do que oram a Deus. Dedicam-se mais ao estudo das supostas verdades ocultas do que a uma boa análise teológica. Fascinam-se por séries intermináveis de livros de autores que garantem ter tido experiências sobrenaturais, arrebatamentos e outras vivências que revelam o que a Bíblia não diz.

É possível que um ou outro desses relatos seja verídico? Que o que os demônios digam em sessões de exorcismo seja verdade? Só Deus o sabe. Mas essas são as perguntas erradas. As perguntas certas são: de que modo esses relatos e essas afirmações afetam minha caminhada de fé? Aproximam-me mais de Cristo? Tornam-me um cristão melhor? Ajudam-me a amar mais a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a mim mesmo? Estimulam em mim a manifestação do fruto do Espírito? Levam-me ao arrependimento dos meus pecados? Conduzem-me a buscar em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça? Fazem a minha adoração ser mais bíblica, cristocêntrica e realizada em espírito e em verdade?

Essa é a questão. Se sairmos bem de uma batalha espiritual mas não dissermos “sim” a essas perguntas... terá de fato sido um triunfo? Ou apenas placebo? Como em tudo no bom combate da fé, devemos buscar na Bíblia a resposta. Em nenhuma outra fonte: na Bíblia e na Bíblia

somente. E as palavras de Jesus proferidas no Sermão do Monte nos dão uma boa pista sobre isso. Ouçamos o que o Mestre diz, como registrado no capítulo 7 do evangelho segundo Mateus:

*Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores. Vocês os reconhecerão por seus frutos. (...) Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?’ Então eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!*

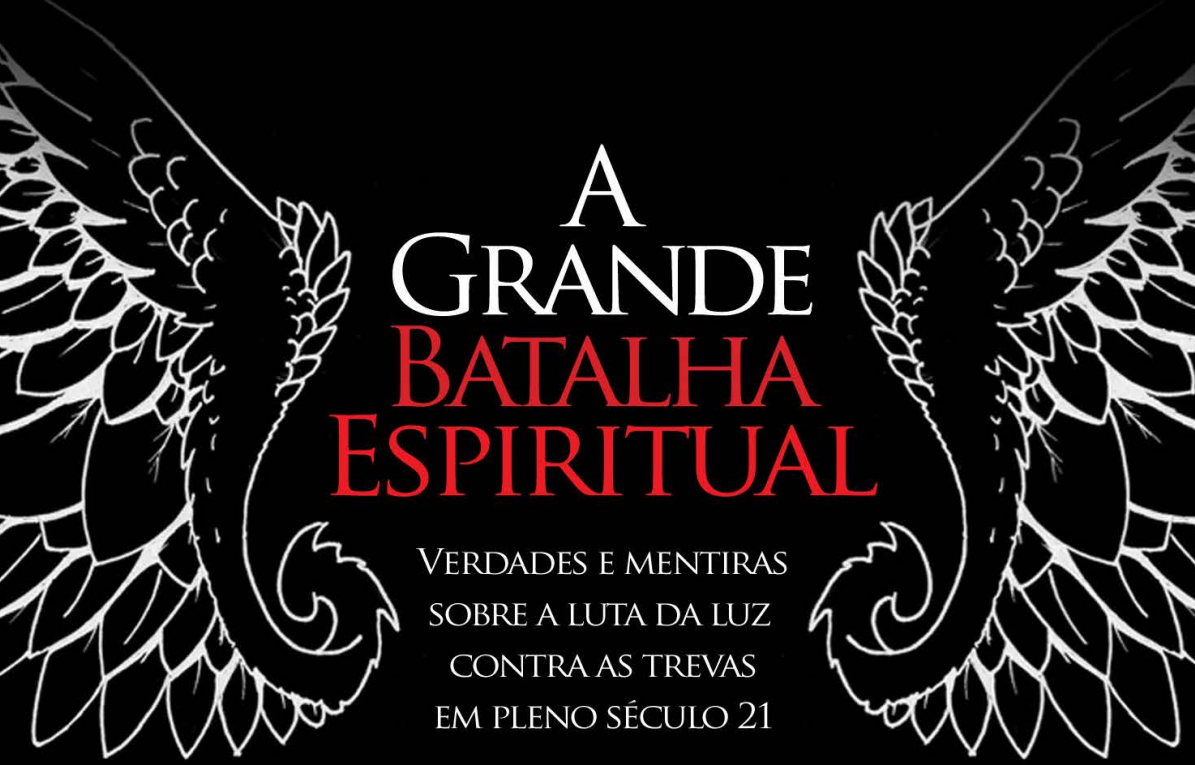
Vemos então que expulsar demônios não é credencial para ninguém afirmar que conhece Cristo. Chamar Jesus de “Senhor” também não. Mas sim dar bons frutos. Mateus 3.10 afirma: “O machado já está posto à raiz das árvores, e toda árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo”. Qualquer semelhança com o Salmo 1 não é mera coincidência:

*Como é feliz aquele que não segue o conselho dos ímpios, não imita a conduta dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores! Ao contrário, sua satisfação está na lei do Senhor, e nessa lei medita dia e noite. É como árvore plantada à beira de águas correntes: Dá fruto no tempo certo e suas folhas não murcham. Tudo o que ele faz prospera! Não é o caso dos ímpios! São como palha que o vento leva. Por isso os ímpios não resistirão no julgamento, nem os pecadores na comunidade dos justos. Pois*

*o Senhor aprova o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios  
leva à destruição!*

Ser bem-sucedido na grande batalha espiritual é tornar-se como essas árvores: plantadas à beira de águas correntes, que dão fruto no tempo certo e cujas folhas não murcham. Que assim seja nossa vida, como ramos ligados à Videira Verdadeira e não a qualquer figueira seca. Se não, não teremos vida. Pelo contrário, seremos amaldiçoados pelo Senhor, secaremos e morreremos. Mas se nos mantivermos ligados à Videira de onde vem a seiva da vida teremos vida em abundância nesta terra. E, mais importante: teremos vida ao lado de Deus por toda a eternidade.

***O editor***



# A GRANDE BATALHA ESPIRITUAL

VERDADES E MENTIRAS  
SOBRE A LUTA DA LUZ  
CONTRA AS TREVAS  
EM PLENO SÉCULO 21

A batalha espiritual é uma realidade inegável, como o apóstolo Paulo explicita em Efésios 6.12. Entretanto, nas últimas décadas têm surgido muitas doutrinas ligadas à luta entre a luz e as trevas que dedicam mais atenção aos espíritos malignos do que a Jesus de Nazaré. Diante dessa realidade, como devemos nos posicionar biblicamente? É válido seguir ensinamentos transmitidos por supostos ex-satanistas ou por demônios durante sessões de exorcismo? Qual é de fato o campo de batalha entre o bem e o mal? Com que armas devemos lutar? Em resumo: biblicamente o que é, como ocorre e como devemos nos portar ante essa guerra?

Para sair do âmbito das especulações sensacionalistas que muitos têm adotado ao tratar desse assunto em livros, cultos, congressos e na televisão, cinco pastores com experiência teológica e prática na área se uniram para escrever **A Grande Batalha Espiritual**, uma análise totalmente bíblica, cristocêntrica e crítica da luta entre a humanidade e os dominadores deste mundo tenebroso, as forças espirituais da maldade. É um livro que revela que muitos estão entrando nessa guerra extremamente mal preparados e mostra ao leitor o que fazer biblicamente para vencer as astutas ciladas do Diabo.